

MINISTÉRIO DA GUERRA (3.ª DIRECÇÃO

PUBLICAÇÃO DO ARQUIVO HISTÓRICO-MILITAR



*Do Arquivo
128
32*

A FUNDAÇÃO
DA
MONARQUIA PORTUGUESA
E A
BATALHA D'OURIQUE

(25 DE JULHO DE 1139)

PELO GENERAL

VITORIANO JOSÉ CESAR

PRESIDENTE DA COMISSÃO QUE FUNCIONA JUNTO
DO ARQUIVO HISTÓRICO-MILITAR



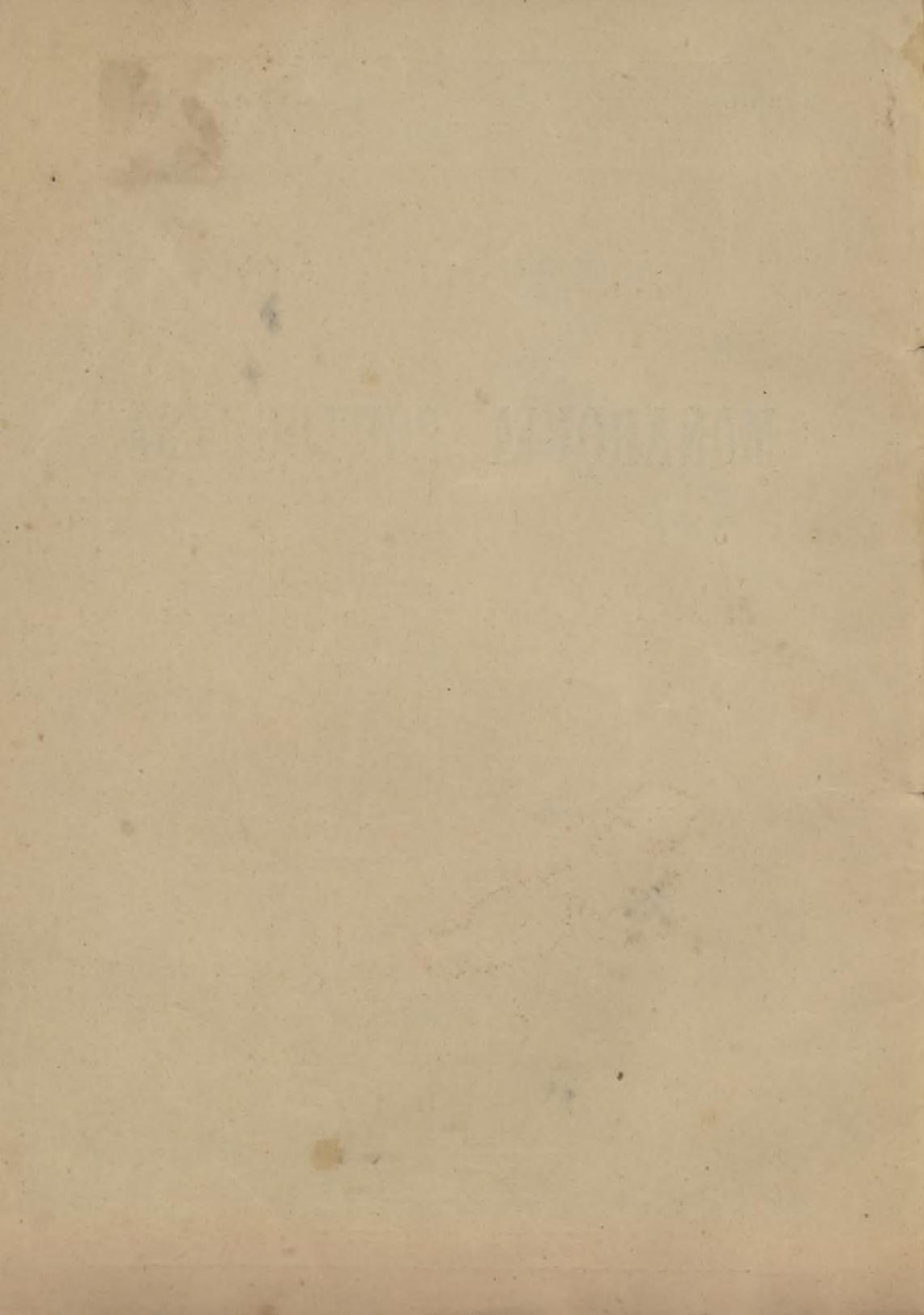
1927

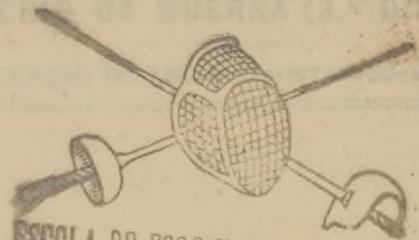
PAP. E TIP. CASA PORTUGUESA

139, RUA DO MUNDO, 141

LISBOA

RC
MNCT
94
CES





ESCOLA DE ESGRIMA DO EXERCITO
SECRETARIA
DA

MONARQUIA PORTUGUESA

A FUNDAÇÃO

DA

MONARQUIA PORTUGUESA

(BATALHA D'OURIQUE)

ESCOLA DE EDUCACAO FISICA
- DO -
EXERCITO

A FUNDAÇÃO
DA
MONARQUIA PORTUGUESA
(BATALHA D'OURIQUE)

(25 DE JULHO DE 1139)

POR

VITORIANO JOSÉ CESAR

GENERAL



ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA

EXERCITO



Rc
MNCT

94

CES

1927

PAP. E TIP. CASA PORTUGUESA

139, RUA DO MUNDO, 141

LISBOA

A FUNDAÇÃO
DA
MONARQUIA PORTUGUESA
(BATALHA D'OURIQUE)

(25 DE JULHO DE 1139)

POR

VITORIANO JOSÉ CESAR

GENERAL



ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA

DO EXERCITO



Re
MNET

94

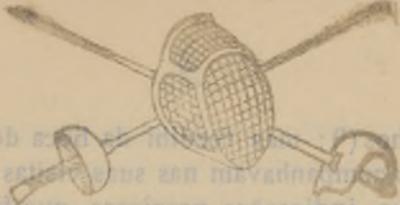
CES

1927

PAP. E TIP. CASA PORTUGUESA

139, RUA DO MUNDO, 141

LISBOA



ESCOLA DE ESGRIMA DO EXERCITO

SECRETARIA

PRÓLOGO

Lançar a vista para os factos que assinalaram os primordios da nacionalidade portugûesa constitue um dever civico, pois dêsse estudo se tiram ensinamentos de ordem politica, moral e militar.

Ir atravez dos seculos auscultar o alto pulsar do coração de um povo que quer ser independente e constituir uma nacionalidade; desenhar os caractéres dos chefes, que conseguiram congregar em volta de si os elementos embrionarios de uma incipiente nação, dando-lhes consistencia; focar e pôr em evidência a «*batalha d'Ourique*», onde se solidarisam em volta de D. Afonso Henriques os *ricos-homens* mais importantes das Terras portugaleses e até da Galiza, e onde se sente já a importancia da *peonagem*; lançar um feixe de luz sôbre êsse vulto grandioso, que foi o nosso primeiro rei; tudo isto constituiu um compromisso que tomei perante o tribunal da minha consciencia, julgando indispensavel, dado o momento historico que atravessamos, ir buscar ao passado energias morais, de que tanto necessitamos nas horas presentes. Os estudos historicos foram sempre uma fonte uberrima de sciencia social.

*

* * *

Ha já anos tivera noticia que o Doutor José d'Oliveira Machado, latinista notavel e versado tambem na lingua grega, e que era advogado no Cartacho, se consagrava ao estudo da «*batalha d'Ourique*», e procurava obter os materiais de diversa especie para provar que essa batalha se dera nos terrenos chamados «*Chãas d'Ourique*», e que pertenceram aos senhores de Unhão, que tiveram seu palacio em Santarem junto á muralha. O Dr. Oliveira Machado faleceu e não sei em que altura deixou

os seus trabalhos⁽¹⁾; mas recolhi da boca de alguns dos seus amigos, que o acompanhavam nas suas visitas aos terrenos das Chãas d'Ourique, indicações preciosas, que fizeram nascer em mim o desejo de me consagrar tambem a esse estudo.

Dai resultou o presente trabalho, no qual me proponho fixar a localização do terreno em que se deu a batalha d'Ourique, e demonstrar a sua importancia.

Ao percorrer as «Chãas d'Ourique», fui surpreendido pelos varios nomes, que se têm conservado, após tantos seculos, recordando factos, uns contemporaneos da batalha, outros, de data posterior. Isto mesmo notára já o Dr. Oliveira Machado, meu saúdoso professor.

(1) Devido á benevolencia de sua Ex.^{ma} filha, D. Berta Machado, apenas obtive uma copia de um trabalho do seu falecido pai sobre a origem do vocabulario «Ourique», e a que me terei de referir.

PRIMEIRA PARTE

Breve exposição dos acontecimentos, que na Península antecederam a batalha d'Ourique e prepararam a fundação da monarquia portuguesa

Para bem comprehendermos o alto significado da batalha de Ourique, torna-se indispensavel traçar, ainda que rapidamente, o quadro que apresentava a Península hispanica nos primeiros tempos da reconquista.

Teriamos porém de ir muito longe se quizessemos descrever todos os factos historicos, que constituem o trama dos tempos que se seguiram ao momento em que Pelaio iniciou o periodo da reacção dos cristãos contra os muçulmanos, até que aqueles conseguissem expulsar êstes da península.

Luta tremenda foi esta, que deve ser estudada sob o ponto de vista politico e religioso. O pequeno reino das Asturias vai sucessivamente crescendo, e, num periodo de dois seculos, torna-se no reino de Leão.

Constituido o condado de Castela, êste, depois pelo casamento de Fernando I com D. Sancha, passa a constituir o reino de Castela e Leão. Durante este longo periodo da reconquista nós vemos que as ondas de cristãos e de muçulmanos, como num proceloso mar, umas vezes avançam, outras recuam, mas deixando nesse fluxo e refluxo o terreno juncado de destroços e ensopado em sangue.

São derruídos castelos, destruidas povoações, talados os campos, e, por toda a parte a desoluição, os gritos de dôr dos vencidos, as levas de cativos, marcando a passagem dos exercitos dos cristãos ou dos muçulmanos.

Os cristãos vão alargando o seu territorio, e procuram dilatá-lo para o sul.

Tratando principalmente da parte do territorio, onde mais tarde se constituiu o nosso Portugal, vêmos que primeiro transpõem o Douro, depois o Mondego, e chega mesmo Fruela I, rei das Asturias ou de Oviedo, a apoderar-se de Leiria e de Santarem, atingindo Lisboa, onde se contenta em fazer depredações (757).

757

A forte praça de Lisboa era ambicionada por cristãos e muçulmanos por causa da sua posição sobre o Tejo e por estar muito proxima do mar; mas a marcha sobre Lisboa não poderia ficar garantida sem estar assegurada a posse de Santarem, que não só era forte por natureza, mas mantinha as comunicações para o sul do Tejo, pela ponte romana que aí existia (e cuja descrição ainda no-la fez Francisco de Holanda em 1570).⁽¹⁾

760

Santarem esteve porém poucos anos na posse dos cristãos, pois já em 760 «*Abd-el-Rhaman*» tinha-se apoderado dela, assim como de Lisboa, confiando a «*Aben-Cri*» o governo de Santarem.

842

D. Ramiro I, tambem rei das Asturias, derrota o vali de Coimbra, *Al-Hamor*, e apodera-se de Santarem e de outras terras mais ao sul.

850

Em 850 esta praça está outra vez em poder dos muçulmanos.

878

Sob Afonso III, o *Magno*, o dominio dos cristãos volta a estender-se para o sul. Os muçulmanos perdem Braga, Porto, Vizeu e Lamego. O conde Hermenegildo Gutierrez, avô de S. Rosendo, toma-lhes Coimbra (878). Em recompensa dêste feito, Afonso III fá-lo conde de Tuy e de Portugal, e nomeia seu filho, D. Arias, conde de Eminio. Afonso III estende as suas conquistas a Santarem, e entra mesmo em Lisboa, cuja posse é porém efémera.

912-961

Durante o governo do califa de Cordova *Abderrahman* 3.^o (912-961) os cristão sofrem uma grande crise. O califa cordovês torna-se dominador de quasi toda a Peninsula, sendo reconhecida a sua supremacia pelos estados cristãos. Após a sua morte (961) succedeu-lhe seu filho *Alhaken II*, cujo governo foi pacifico.

961

(1) Francisco de Holanda era filho de Antonio de Holanda, natural de Holanda, e que veio para Portugal no reinado de D. Manuel. Seu filho nasceu em Lisboa em 1517 e faleceu em 1584. Foi, como seu pai, iluminador, e tambem architecto célebre.

- 976 Morre, porém, este em 976, e sucede-lhe seu filho *Hischam II* (ou Hixem), que contava apenas 10 anos. Então o seu tutor (que se tornou depois usurpador), *Mohammed ben Abdallah*, chamado o *Almansôr* (o vitorioso), tornou-se o terror dos cristãos hispanicos, cujos estados estiveram prestes a desaparecer.
- 984 Na primavera de 984 transpõe o Douro, cerca e toma de assalto Leão, e depois Astorga, Simancas e Barcelona.
- 985 No outono de 985 invade a Galiza, toma Valença e Santiago de Compostela, cujo santuario mandou arrazar.
- 987-988 Em 987 percorreu novamente a Galiza e Castela. Em 988 entra outra vez na Catalunha.
- 989 Em 989 toma Coimbra, que deixou em ruínas.
- 994 Em 994 volta a Santiago e desta vez leva para Cordova os sinos da Catedral.
- 1002 No ano 1002 a existencia dos cristãos na Peninsula corre os maiores riscos. Almansor reúne um formidavel exercito, cujo efectivo se elevava a mais de 100.000 homens, e ameaça aniquilar os reinos cristãos.
- Então os reis de Castela (Sancho Garcia), de Navarra (Sancho II) e de Leão (Afonso V, o *Nobre*)⁽¹⁾ fizeram uma liga e reuniram as suas forças com as quais se chocaram as muçulmanas, em fins de julho, junto á aldeia de *Calat-Añozor* (Altura das Aguias).
- A batalha foi sangrenta o mais possivel, mas não foi decisiva, tendo bivacado no campo de batalha, tanto os cristãos como os muçulmanos, parecendo dispostos a renovar a luta pela manhã; mas no dia seguinte Almansor, que estava ferido, ordenou a retirada para Medina-Coeli, onde faleceu a 9 de Agosto.
- Após a morte de Almansor, segue-se um periodo de lutas entre os varios pretendentes ao califado de Cordova, apesar de ainda existir o efeminado Hischam 2.º
- A luta tomou alternativas entre o arabe Mohammed 2.º e o berbére Solimão.
- É este um periodo de crise para o dominio muçulmano,

(1) Afonso V tinha então 8 anos, mas governava, como seu tutor o conde Menendo Gonzalez, que acedeu á formação da liga.

pois muitos dos valis das provincias, e até mesmo alguns governadores de cidades, declararam-se independentes.

Vêmos assim constituir-se os principados ou reinos de Badajoz, de Sevilha, de Toledo, de Valencia, de Saragoça, de Denia, de Granada, de Malaga, de Xerez, de Carmona, etc. Finalmente, *Hairan*, vali de *Almeria*, com o vali de Ceuta, *Aly-Ebn-Hamud*, o *Edrisita*, e com o vali de Algeciras, irmão dêste, fizeram uma aliança, e, com um reforço, que lhes veiu de Africa, destroçaram Solimão, proximo de Sevilha (junho de 1016), sendo cortada a cabeça dêste, por ordem de Aly. Este proclama-se califa; mas o seu governo não é reconhecido pela maioria dos chefes, seguindo-se uma série de lutas, e sendo sucessivamente proclamados varios califas no curto periodo de doze anos (1016 a 1028).

Eleito califa Hischam 3.º (1028), bisneto de Abd-el-Rhaman 3.º, procurou submeter os valis insubmissos. Não conseguiu, porém, dominar os valis de Granada, de Malaga (o africano Saib-Almansor), de Denia (Mugaid), e os de Carmona, Sevilha e Sidonia.

Submetera-se-lhe o vali dos Algarves; mas continuaram ainda independentes as provincias (ou reinos) de Saragoça, de Badajoz, de Toledo e de Merida.

Como vêmos, o dominio muçulmano na Peninsula estava fragmentado (1).

Em 1031 é deposto Hischam 3.º pelos vizires sublevados, sendo escolhido para califa o vizir *Djehuar*, (Gehwar), que só quiz tomar o titulo de *Presidente do Divan* (Concelho deliberativo e executivo), constituído êste pelos principais chefes revolucionarios.

Contudo ainda teve de tomar as armas para reduzir à obediencia os emires de Sevilha e de Toledo.

Tendo o califa *Djehuar* falecido em 1044, sucedeu-lhe seu filho *Mohammed-Ebn-Djehuar*. Este tambem teve de sustentar uma guerra contra o insubmisso emir de Toledo, e viu-se forçado a solicitar a aliança do emir de Sevilha (Mohammed 2.º), que era então o mais poderoso de toda a peninsula islamica,

(1) Em toda a Peninsula havia então uns 40 estados, muçulmanos e cristãos.

assim como se aliou com a emir de Badajoz, *Aben-Abel*, que dominava em Badajoz, Merida, Coria, Beja, Evora e Lisboa.

1051 Em recompensa do auxilio prestado por êstes dois emires, teve de reconhecer-lhes a independencia (1051).

1060 O emir de Sevilha atraçouu porém o seu aliado, apodegando-se de Cordova, fazendo-se aí proclamar califa (1060) e transferindo a séde do califado para Sevilha, e assim acabou o reino de Cordova.

1060-1021 Seguiram-se então no periodo que vai de 1060 a 1091, os três Mohammed (*Ibn-Abbad*, *Motadhid* e *Motamid Billah*) sendo o ultimo natural de Beja.

*
* *

Tornou-se necessario fazer esta rapida resenha do dominio arabe na Peninsula para avaliarmos a que estado de enfraquecimento ele tinha chegado.

O antigo califado de Cordova estava reduzido quasi à capital. Da fragmentação em que se encontrava a peninsula muçulmana, das lutas que daí derivaram, era facil concluir que aos cristãos se oferecia ensejo para irem alargando os seus dominios. Assim se explica a facil expansão dos estados neo-goticos. Não só as formas politicas dos muçulmanos apresentavam uma manifesta decadencia, mas os seus antigos costumes estavam profundamente alterados. As pessoas dos seus principes já nao inspiravam respeito religioso; não havia obediência às leis; o povo não se submetia aos chefes; as antigas virtudes dos arabes estavam corrompidas; as discordias eram constantes. Se a confusão dominava as classes superiores, e a sua dissolução se tornára caracterfstica, o que havia a esperar da massa do povo? Este já não tinha confiança nos chefes e perdera-lhes o respeito. A anarquia parecia querer submergir todo o dominio muslimico na Peninsula.

*
* *

Fernando I, o *Magno*, já rei de Leão e de Castela, depois de ter vencido seu irmão Garcia na batalha, que teve lugar

próximo de Burgos, foi sucessivamente alargando o seu território à custa dos muçulmanos.

1038 Em 1038 já Fernando I tomara Gouvêa; na primavera de
1057 tomou Cêa ⁽¹⁾ e Lamego; em 1057, Vizeu e os Castros de
S. Justo e Tarouca. No ataque a Vizeu os cristãos tiveram
grandes perdas, pois os besteiros muçulmanos eram exímios
1058 no emprego da hésta ⁽²⁾. Em 1058 apodera-se de Coimbra, após
um cerco de seis meses (25 de julho) ⁽³⁾. Fez 5.000 cativos. Na
entrada triunfal na cidade era o rei acompanhado pela rainha
D. Eduscha, e pelos bispos de Compostela, de Lugo, de Mon-
doñedo e de Vizeu.

Estando na posse de Coimbra, confiou o governo do con-
dado ao conde D. Sisnando, filho do mosarabe David, senhor
de Tentugal e do território que desde Lamego seguia pelo
Douro até ao mar, e ainda até onde se fossem estendendo as
conquistas para o sul ⁽⁴⁾.

1059-1068 De 1059 a 1068 tornára sucessivamente seus tributários os
emires de Saragoça, de Bapajoz, de Toledo e de Sevilha.

1065 Fernando I não descansára, aproveitando bem a fraqueza
dos muçulmanos na península. Pelo Natal de 1065 morreu este
grande rei. Procurára ele congraçar seus filhos e saciar-lhes os
apetites, repartindo por eles o seu vasto território para o que
obtivera o assentimento dos prelados e grandes do reino, que
1064 em 1064 reunira em *Assembléa*, ou *Concilio* ⁽⁵⁾. Ele assim jul-
gára estabelecer a concordia entre os ambiciosos irmãos.

A *Sancho*, que era o mais velho, deu a Castela até ao Pis-
suerga e a parte da Extremadura que ia até Avila com Najera

(1) Fernando I mandou a Pedro de Cêa, natural da Galiza, construir ali um castelo.

(2) Era tal a força viva das sétas lançadas pelos besteiros muçulmanos que conseguiam atravessar os escudos dos cristãos, obrigando estes a empregar escudos forrados de madeira.

(3) Antes de ir pôr cerco a Coimbra, foi o rei de Castela primeiramente a Compostela orar ao miraculoso apóstolo Santiago, por espaço de três dias e três noites, implorando, por sua intercessão, o auxilio divino para as armas dos cristãos. Tal era a fé daqueles tempos!

(4) ... *ex lameco usque ad mare per aquam fluminis durii usque omnes terminos quos christiani ad austram possident*. O mosarabe Sisnando tinha sido vazir do rei arabe de Sevilha. Faleceu em 1091.

(5) Eram as *Côrtes* daqueles tempos.

e a margem direita do Ebro; a *Afonso*, que era o seu filho predilecto, deu o resto da Extremadura até Salamanca, as Astúrias e o reino de Leão; a *Garcia*, deu a Galiza e o condado de Portugal (1); a sua filha D. Elvira deu Tôro; e à outra filha D. Urraca, deu Samora. Ainda distribuiu pelos seus três filhos os direitos de suzerania sobre os emires muçulmanos, que eram seus vassallos. A divisão feita por D. Fernanpo I, longe de congruar os três irmãos, deu lugar a uma guerra civil. Tendo falecido a rainha D. Sancha em 1067, tratou logo D. Sancho de esbulhar seus irmãos das suas heranças. Bateu sucessivamente as forças dos seus irmãos, que foram obrigados a ir procurar asilo fóra do país (2). Afonso foi acolher-se junto do emir de Toledo (*Al-Mamun*), seu vassallo; e Garcia foi refugiar-se em Sevilha, cujo emir o aconselhou que fôsse antes para Portugal, conselho que ele tomou; mas não tardou que D. Sancho, atravessando a Galiza, penetrasse em Portugal, desbaratando e aprisionando o irmão proximo de Santarem (1071).

Não contente em espoliar os irmãos, ainda D. Sancho se apossou de Tôro, procurando depois tirar Samora a sua irmã Urraca, pondo cêrco a esta cidade. Durante esta operação foi assassinado á traição (6 de outubro de 1072) por Bellido Dolfos.

A morte de D. Sancho veio mudar a face das coisas. D. Afonso veio então de Toledo tomar posse do seu reino e mostrou logo que o seu character não era inferior ao do seu falecido irmão. Conseguiu aprisionar seu irmão Garcia, encerrando-o no castelo de Luna, e em seguida apoderou-se da Galiza e de Portugal.

Viu-se então D. Afonso senhor de todos os territorios que governára seu pai. Fez-se em seguida reconhecer como rei de Castela pela Assembléa, que reuniu em Leão, depois de ter préviamente jurado aos Santos Evangelhos nas mãos de D. Rodrigo Diaz de Bivar, o *Cid Campeador*, que não mandára ma-

(1) *Dedit D. Garseano totam Gallaeciam unã cum toto Portucale* (Chronica de Pelayo de Oviedo). Ainda concedia toda a posse dos territorios que D. Garcia pudesse conquistar até ao Mondego.

(2) D. Afonso foi derrotado em *Llantada*, nas margens do Pisuerga, e ainda em *Golpejar* (1071), onde ficou prisioneiro, sendo encerrado no castelo de Burgos, e depois no mosteiro de Sahagun, de onde fugiu para Toledo, onde o emir lhe deu generosa hospitalidade.

1073 tar seu irmão Sancho (1073). Ainda D. Afonso (que passou a ser o VI de nome, como rei de Castela e Leão) invadiu a Navarra, depois da morte do seu rei, Sancho IV, apoderando-se da *Rioja* e da *Biscaia*.

1076 Sentindo-se bastante forte, iniciou então uma luta tremenda contra os muçulmanos, que, tendo-se aproveitado da guerra civil entre os três filhos de Fernando I, tinham procurado libertar-se da suzerania dos reis cristãos. Primeiramente não ousou D. Afonso atacar o emir de Toledo, seu amigo e aliado; mas logo que este faleceu (1076), e como seu filho fôsse deposto em virtude de uma revolta, preparou D. Afonso um exercito, e aliou-se com o emir de Sevilha, *Mohammed*, começando uma guerra sem treguas, que durou de 1078 a 1085, ano em que se apossou finalmente de Toledo (25 de maio), após uma prolongada e porfiada resistencia.

1078-1085

Esta guerra foi uma verdadeira cruzada contra os muçulmanos, pois vieram enfileirar-se na hoste do rei cristão uma grande multidão de guerreiros aragoneses, navarros, italianos, alemães e franceses, atraídos pelas recompensas e pelos despojos, que esperavam obter.

1085 No cêrco e tomada de Toledo (25 de maio de 1085) prestou grandes serviços D. Raimundo de Borgonha, o "*Tête Hardie*", quinto filho do conde de Borgonha, D. Guilherme I, irmão de D. Constança, que, depois de enviuar do conde de Châlons, Hugo II, casára com Afonso VI de Castela (1080). Tambem D. Raimundo era irmão de D. Estevam, que foi duque da Normandia, e ainda do cardeal Guido, que foi papa com o nome de Calixto II (1119-1124), e que se tornou célebre pela luta que sustentou contra Henrique V da Alemanha, forçando êste a fazer a concordata de Worms (1122) (1).

1080

1119-1124

1122

1080

Além de D. Raimundo e de outros fidalgos franceses (1080), viera pouco depois para Eespanha D. Henrique, neto de Roberto, o *Idôso*, duque de Borgonha, e irmão de Henrique II, rei de França. Era portanto D. Henrique parente proximo de D. Constança e primo-coirmão de D. Raimundo.

D. Afonso, tendo-se apoderado de Toledo, que se conser-

(1) Ainda D. Raimundo (assim como seu primo D. Henrique) era parente de Hugo, abade de Cluni.

vára 363 anos na posse dos muçulmanos, para esta cidade transferiu a capital do seu reino e o arcebispado.

*
* *
*

Os progressos, que iam fazendo os reis cristãos, levaram o emir de Sevilha a solicitar o auxilio de *Jussuf-ben-Tachfin*, que dominava então no Norte da Africa, e pertencia a seita dos *almoravidas* ⁽¹⁾, e que não tardou em vir à Peninsula com um poderoso exercito, ao encontro do qual marchou D. Afonso VI com forças também importantes, que se concentraram em Sarragoça.

1086 Nas planicies de *Zalaca*, proximo de Badajoz, chocaram-se os exercitos muçulmanos e cristãos, sofrendo êstes uma grande derrota (23 de outubro de 1086).

D. Afonso VI com dificuldade se salvou com 300 cavaleiros. Na noite que se seguiu a esta batalha, recebeu Yussuf a noticia de ter falecido em Africa o seu filho mais querido. Então retirou apressadamente para Africa, deixando o comando do exercito ao seu general *Abu Bekr*.

1088 Em 1088, *Yussuf*, chamado novamente à Espanha, desembarcou em Algeciras com novas forças, que se foram concentrar nos *Campos de Aledo*, onde se reuniram contingentes dos diferentes reis muçulmanos da Peninsula ⁽²⁾, para recommencarem a guerra contra os cristãos. Cercaram a fortaleza de Aledo, que resistiu. Então levantaram-se dissensões entre os chefes muçulmanos, o que levou Yussuf a retirar-se para a Africa.

1090 Não desanimára o rei de Castela, e tratando de reorganisar as suas forças conservou-se na defensiva por algum tempo, até que começou a operar ofensivamente. Novamente foi chamado Yussuf, vindo em 1090 com um poderoso exercito, e desta vez apoderou-se de Granada, e, voltando ainda à Africa,

(1) Esta seita, fundada em 1026 pelo morabita *Abdallah-ben-Tacfin*, em breve dominou em quasi todo o norte da Africa, constituindo uma poderosa nação.

(2) Enviaram contingentes os reis de Granada, de Malaga, de Almeria, de Murcia, e os valis de Jaen, de Baeza e Lorca.

de lá enviou mais forças que procuraram assenhoriar-se de toda a Península.

Ameaçado o rei de Sevilha pelos almoravidas, pediu então auxilio a Afonso VI, que lhe enviou um exercito de 40.0000 infantes e 20.000 cavaleiros, o qual foi derrotado próximo de Almodóvar. Então o rei de Sevilha capitulou e o seu reino caiu em poder dos Almoravidas, que ficaram senhores de Granada, de Cordova e de Sevilha; e pouco depois tinham a mesma sorte Almeria e Badajoz; e a seguir caiu Valencia (1092). Só escapou Saragoça, cujo rei, *Abn Giafar*, foi respeitado por Yussuf.

1092

1093

Apesar de todos os progressos dos Almoravidas, em 1093 já D. Afonso VI tomava aos muçulmanos, com o auxilio de seu genro, D. Raimundo (pois já então êste era casado com D. Urraca ⁽¹⁾), Santarem, (que só se rendeu pela fome), Sintra, Lisboa e outras terras, entregando o govêrno dêste território a D. Raimundo, seu genro que já então governava a Galiza com o titulo de conde, não como independente, mas como governador e administrador, em nome de seu sôgro ⁽²⁾ D. Raimundo,

(¹) A. Herculano diz que êste casamento teve lugar em 1094, tendo D. Urraca 13 a 14 anos; mas os historiadores espanhóis, dizem que D. Raimundo veio para a Península em 1080, talvez no sequito de D. Constança, e que já era casado em 1092 com D. Urraca. Isto é comprovado por varios documentos.

(²) Em 1092 D. Rodrigo Ordoñez deu á igreja de Burgos umas herdades, e na carta de concessão diz: «que reinava D. Afonso em Castela, Leão e Toledo e que governava na Galiza D. Raimundo *genro do rei*». O mesmo é confirmado por outro documento de 1093, no qual o bispo de Coimbra, D. Cresconio, que doava certos bens ao mosteiro de Arouca, diz: «... Era 1131, *regnante Rex Adefosus in]Toleto, in Coimbra Comes Raymundus, genero Regis Adefosi.*»

Por outro instrumento de 1092 se vê que governava em Coimbra Martim, Moniz, casado com D. Elvira, filha do conde Sesnando, que falecera em 1091 e no Porto o conde D. Henrique. Ora tendo êste casado com D. Tereza em fins de 1094 ou principios de 1095, reconhece-se que o governo do distrito Portucalense foi dado a D. Henrique antes de casar com D. Teresa.

Numa carta de fôro dada à vila de Panoias em 1095, já estão assinados — *D. Henrique e sua mulher D. Tereza.*

Por uma escritura de 1094, vê-se que o distrito de Coimbra ora governado neste ano por D. Raimundo, passando Martim Moniz a governar o distrito de Arouco (Arouce), em lugar de Monio Beniegas.

Por uma carta de 1095, assinada por Afonso VI e suas filhas, se diz: «que reinava em Castela D. Afonso VI, e que D. Raimundo governava na Galiza e em Santarem.

por seu turno, nomeou seu *lugar-tenente* no governo das Terras Portucalenses, conquistadas aos muçulmanos, a D. Sueiro Mendes, que se tornou celebre pelos amores que teve com uma moura de Santarem, de quem teve um filho, que se chamou D. Gonçalo Soares Mouro.

D. Sueiro Mendes era irmão de D. Gonçalo Mendes da Maia — o *Lidador*.

1092 A séde dêste novo distrito era em Santarem. Estando o conde D. Henrique a governar o distrito do Porto em 1092, e como casou com D. Teresa em fins de 1094 ou princípios de 1095, vê-se que o governo do condado Portucalense lhe foi confiado antes de ter casado com D. Tereza (1).

1094 Em 1094, estando o conde D. Raimundo em Santarem, que considerava a capital do novo condado, reuniu aqui um exercito e com ele marchou sobre Lisboa na primavera de 1095, pondo cêrco a esta cidade. Sofreu, porém, tais perdas, que teve de retirar.

1097 Em virtude dêste desastre, D. Afonso VI dividiu o governo da Galiza, formando um novo condado (1097), desde o rio Minho até Santarem, cujo governo confiou a D. Henrique com a liberdade de aumentá-lo com o territorio que pudesse tomar aos muçulmanos.

O condado Portugallense, que até então constituira um distrito da Galiza, passou a depender directamente de D. Afonso VI, ficando D. Raimundo a governar só a parte da Galiza até ao Minho (2).

Tambem já anteriormente o rei de Aragão, D. Sancho Ramirez, a quem foi dada a corôa de Navarra, entrára em guerra contra os mouros, apoderando-se de varias cidades e fortalezas, e obrigando o emir de Saragoça a tornar-se-lhe feudatario.

Ainda D. Ramon Berenguer I, conde de Barcelona, fizera numerosas depredações nos territorios muslimicos.

(1) D. Tereza era filha de D. Ximena Nuñes de Gusmão, senhora nobre com quem D. Afonso VI pretendia casar, no que foi impedido pelo papa Gregorio VII, por ser D. Ximena parente proxima de D. Inês, primeira mulher de D. Afonso. Este teve ainda de D. Ximena uma outra filha, D. Elvira, que casou com D. Raimundo, conde de Tolosa. D. Ximena morreu depois de D. Afonso, sendo sepultada no mosteiro de Santo André de Espinarêda.

(2) A Galiza era até então considerada como tendo por limite sul o rio Mondego.

1007 Em 1097 D. Afonso VI dirige as suas forças contra os muçulmanos de Aragão e ameaça Saragoça, apoderando-se do forte de Alid, proximo de Lorca, cortando assim as comunicações da Andaluzia com Saragoça e Valencia.

No seu exército, além de sua mulher D. Berta⁽¹⁾ iam, entre outros nobres, seu genro D. Raimundo, conde da Galiza, com sua mulher D. Urraca; mas não se fala em D. Henrique. Tudo isto consta da carta de doação dada ao mosteiro de S. Domingos de Silos, de 19 de maio dêste ano, a qual é assinada por D. Raimundo; mas já numa carta de 1098 vem mencionado o nome de D. Henrique, conde de Coimbra e Portugal, governando em Arouco (Arouce) Egas Godesindiz⁽²⁾.

1097-1098
1100-1101

No inverno de 1097-1098 encontrava-se D. Henrique de visita a Santiago de Compostela, e em 1100 e 1101 estava na côrte de seu sôgro⁽³⁾. Em 1101 (20 de março) D. Afonso VI concede uns privilegios aos mosarabes de Toledo, e a carta que lh'os concede é assinada por ele e por sua mulher D. Isabel, intitulado-se *Imperador* de toda a Espanha, e, entre outros magnates, é tambem assinada por D. Raimundo, «*Conde da Galiza*» e por sua mulher D. Urraca, e por D. Enrique «*Conde da Provincia de Portugal e de Coimbra*» com sua mulher D. Tereza.

1101

Neste mesmo ano (1101) D. Henrique e D. Tereza, chamando-se esta «*Infantisa Adefonsi Regisfilia*» deram a S. Giraldo, monge de S. Bento, o mosteiro de Santo Antonio, e assinam: «*Ego Comes Henricus, & Regina Tarasia*».

Numa carta de 1100 se dizia que D. Henrique era *Conde*

(1) Pouco depois de ter enviuvado D. Afonso, e, por intervenção de *Ibn-Ammar*, vali de Silves, casou com a formosa Zaida, filha da não menos formosa escrava *Itimad* e de *Motamid-Benabet*, emir de Sevilha. Zaida foi batizada antes de casar e recebeu o nome de Isabel. Levou em dote as cidades de Hueta, Ocaña, Mora e Alarcos. Foi êste um casamento politico. Desta D. Isabel teve D. Afonso VI um filho, D. Sancho, e que deveria ser o herdeiro do trono, se não tivesse morrido do cerco de Uclès. D. Isabel veiu a ser sepultada na capela real de S. Isidro, de Leão, em cujo tumulo se lê: «*H. R. Regina Elisabet uxor Regis Afonsi: filia Benabet, Regis Sibiliae: quae prius Zayda fuit vocata.*»

Não se sabe quando faleceu.

(2) Em geral os reis faziam-se acompanhar pela esposa, pelos filhos, pelos magnates, constituindo a côrte, e nos instrumentos de doação assinavam todos.

(3) A. Herculano, vol. I, pag. 98 da Hist. de Portugal.

de Coimbra. Depois faz-se referencia a D. Raimundo que governava a Galiza e a D. Henrique que tinha o governo dos *condados do Porto, de Coimbra e de Vizeu, e que as terras entre os rios Sil e Minho eram* governadas por D. Froyla.

1103 Existe uma escritura, datada de 1103, em que D. Afonso VI e sua mulher D. Isabel isentam de todo o tributo a igreja e albergaria de S. Salvador, no monte Irago, e, em seguida aos nomes dos reis, confirmam esta escritura, D. Raimundo, *Conde da Galiza* e D. Urraca sua mulher, assim como o infante D. Sancho, e ainda D. Henrique, *Conde de Portugal*, e sua mulher D. Tereza, e os bispos de Leão, de Astorga, etc.

1106 De 1106 (17 de abril) ha uma outra escritura, que trata da troca de uma herdade de Pedro Garcia com outra de Ordoño Alvarez, e nela se diz — que reinavam D. Afonso em Toledo como imperador de toda a Espanha e com a rainha D. Isabel, e D. Raimundo, seu genro na Galiza, e D. Henrique em Portugal e em Coimbra.

Como vemos pelos documentos citados, e por muitos outros (que se omitem aqui para não sermos prolixos), se conclue que o governo das terras da Galiza, de Portugal, de Coimbra, de Vizeu, etc., não tinha character permanente, variando os seus governadores conforme as circunstancias. O Conde D. Henrique umas vezes estava governando um distrito, outras encontrava-se na côrte de D. Afonso, auxiliando êste na guerra contra os muçulmanos.

1100 Assim, em 1100 está D. Henrique comandando as forças cristãs contra os muçulmanos, proximo de Ciudad Real ('). Vemos tambem que a «*Terra Portucalense*» nestes primeiros tempos fazia parte da provincia ou reino da Galiza, ficando subordinada aos monarcas de Leão e Castela.

Parece-nos que êstes factos têm andado muito desvirtuados nalguns dos nossos compendios de historia, que têm servido à educação da mocidade portugueza.

1103 Em 1103 foi o conde D. Henrique a Jerusalem, estando já de volta em 1106, pois neste ano estava na côrte de D. Afonso VI. Nêste mesmo ano nasceu o infante D. Afonso, filho do

(') *Gayangos* vol. II e «*Anais Toledanos*»

conde D. Raimundo e de sua mulher D. Urraca (1). Neste mesmo ano veio o imperador Yussuf á Península, e em Cordova fez reconhecer seu filho Ali, como seu sucessor em todos os seus estados de Africa e de Espanha. Yussuf foi morrer em Ceuta, em 1107.

1107 D. Raimundo morre a 26 de março de 1107 em Grajal de Campos, na Galiza, tendo então o infante D. Afonso apenas 4 anos, o qual se encontrava então em *Caldas do Rei*, lugar entre Pontevedra e Santiago de Compostela, sob a tutela do conde D. Pedro de Trava, pai de D. Ferdando de Trava, que veio a desempenhar um papel de destaque junto de D. Tereza, mulher do conde D. Henrique.

O conde D. Raimundo foi sepultado na catedral de Santiago (2).

1108 Notemos agora que do ano de 1108 ha uma escritura do mosteiro de Celanova na qual D. Tereza, mulher do conde D. Henrique, se intitula *rainha*. (3)

Este ano de 1108 foi bastante adverso ás armas dos cristãos. O chefe mouro *Temyn*, irmão do califa *Aly-ben-Juzef*, que sucedera a seu pai, com um poderoso exercito derrotou as tropas de Afonso VI na batalha de Uclês (29 de maio) onde morreram muitos dos principaes chefes cristãos, e entre eles, o infante D. Sancho, a quem D. Afonso muito queria e indicára para seu sucessor.

Esta morte veio trazer serias complicações.

Não tinha Afonso VI outro filho varão e por isso era natural que lhe sucedesse D. Urraca, ou antes seu filho D. Afonso Raimundo. Este porém não tinha muitas simpatias e por isso D. Afonso VI preferia dar a D. Urraca um novo marido, mas de sangue espanhol, e que contivesse a viúva nos seus excessos

(1) E' este filho que, depois de varias peripecias, veio a ser imperador das Espanhas sob o titulo de Afonso VII.

(2) Nêste mesmo ano de 1107 (fins de dezembro) morreu tambem a rainha D. Izabel (a 2.^a do mesmo nome), sendo sepultada na capela real de S. Isidro de Leão ficando assim na mesma capela em que fôra sepultada a outra rainha do mesmo nome (a moura Zaida). Isto tem dado lugar a confusões. Logo no ano immediato (1108) D. Afonso VI casou com D. Beatriz, filha do marquês de Este. Era esta a sexta vez que se casava D. Afonso.

(3) Ás filhas legitimas dos reis é que se dava o titulo de rainhas.

um pouco livres, e talvez escandalosos. Alguns nobres eram de parecer que D. Urraca casasse com o conde D. Gomez Gonçales de Gampdespina, descendente de reis, e fizeram conhecer o seu desejo a D. Afonso VI, por intermedio do medico judeu Cedillo, que era muito querido do monarca; mas êste agastou-se tanto com o medico, que nunca mais o admitiu à sua presença. Aspirava ainda à mão de D. Urraca o conde D. Pedro de Lara.

Outros nobres, porém, como o arcebispo de Toledo, D. Bernardo, e D. Pedro de Assures de Carrião eram de opinião que o casamento se fizesse com Afonso I, rei de Aragão, que se encontrava então viuvo, e assim seriam reunidas as duas corôas, de Aragão e Castela, obtendo-se a unificação da Espanha cristã.

D. Afonso VI reuniu os prelados e nobres na cidade de Leão e ai ficou assente que o rei de Aragão era o melhor partido a dar a D. Urraca, encarada a questão sob o ponto de vista politico.

1109 Contudo êste casamento, segundo parece, só se realisou depois da morte de D. Afonso VI, a qual teve lugar a 30 de junho de 1109.

Antes de morrer, tinha querido D. Afonso vingar o desastre de Uclès e para isso convocára as forças dos seus condes, tendo reunido um poderoso exercito de 4.000 homens d'armas, 3.000 ginetes e 40.000 infantes.

Com êste exercito foi cercar Cordova, cujo rei conseguiu aprisionar e mais 500 lanças que o acompanhavam, que caíram numa cilada, que lhes armaram os cristãos.

O rei de Castella retirou para Toledo, levando 2.000 mouros captivos e 1.700 cristãos, que se encontravam prisioneiros em Cordova.

Pouco tempo teve de vida Afonso VI.

1109 A morte de D. Afonso VI em 1109 e o casamento de D. Urraca com o rei de Aragão, deram lugar a uma luta cruenta entre os dois esposos, e depois entre a rainha e seu filho Afonso Raimundo, a quem ela não queria ceder o trono, após a disso-

lução do casamento com o rei de Aragão. Foi, pois, o governo de D. Urraca um periodo desastroso para a Espanha cristã, e de que se aproveitaram os valis de Jaen, de Sevilha, de Cordova e de Talavera para quebrarem a vassalagem, que prestavam ao defunto monarca cristão e para recuperarem parte do territorio perdido.

1110 Para sacudirem por completo o dominio dos cristãos, os muçulmanos da Peninsula chamaram de Africa tropas em seu auxilio. Em 1110 o imperador de Marrocos, *Ali-ben-Yuçuf*, filho de uma cristã, reuniu em Africa um poderoso exercito, de quasi 100.000 homens, e com ele passou o Estreito, dirigindo-se a Sevilha com seu filho Texufim. Daqui convocou todas as forças muçulmanas da Espanha, e, reunindo os diversos contingentes em Cordova (o que levou um mês), marchou com o grosso das forças sobre Toledo, levando tudo a ferro e fogo na sua passagem; mas foi em vão que atacou aquela cidade, que resistiu a todos os assaltos. Ao mesmo tempo um outro exercito de Almoravidas, sob o comando do seu general Seyr-Abu-Bekr, percorria o Algarve, apoderando-se sucessivamente de Santarem, Sintra, Lisboa e Evora.

1111 O conde D. Henrique, que estava em Coimbra sufocando uma revolta da população contra as exações fiscaes, não pôde vir em socôrro de Santarem, que caiu em poder dos mouros (1111). Seyr, sentindo-se doente, deixou uma forte guarnição em Santarem, e retirou-se para Sevilha, onde morreu não tardou muito. Tambem as forças de Aly, que tinham ido pôr cêrco a Toledo, aí se conservaram por largo espaço, até que a peste começou a dizimar o exercito mourisco, e o imperador marroquino levantou o cêrco e foi devastar os territorios de Madrid, Talavera e Guadalajara. Depois Aly retirou para Cordova, e deixando aqui seu filho com uma forte guarnição, regressou à Africa, carregado de opimos despojos.

1113-1114 Em 1113-1114 o vali de Cordova Al-Mezdeli, lugar-tenente do imperador, reuniu forças importantes, e, devastando o territorio em volta de Toledo, veio pôr cêrco a esta cidade, que desta vez ainda resistiu e o chefe mouro teve de retirar.

*

*

*

Na luta que se travou entre D. Urraca e Afonso de Aragão, o nosso conde D. Henrique ora se inclinou a um, ora a outro partido, procurando vêr se aumentava o territorio do seu condado.

- 1111 Quando o rei de Aragão foi cercar Astorga (fins de 1111) e a rainha D. Urraca reuniu um exercito de socôrro, neste ia o conde D. Henrique, pois os barões galegos tinham-lhe prometido compensações territoriais, que D. Urraca confirmou.
- 1112 D. Afonso de Aragão viu-se obrigado a levantar o cêrco (1112) Indo depois cercar Avila, tambem não foi mais feliz.

Na luta que se seguiu entre D. Urraca e os partidarios de seu filho, tambem a nossa D. Tereza, que após a morte de seu marido⁽¹⁾ governava Portugal com o *titulo de rainha*, e o territorio de Limia na Galiza, se imiscuiu nessa luta, e foi com fôrças de socorro contra sua irmã, que tinha cercado o conde D. Gomes Nuñez de Mañanedo, o mais decidido defensor dos direitos de D. Afonso Raymundo. A estas fôrças se juntaram as de D. Pedro de Trava. D. Urraca foi então cercada no castelo de Suberoso, perto de Tuy, donde conseguiu escapar-se dirigindo-se a Santiago e depois a Torres de Leão⁽²⁾.

Como recompensa dos serviços prestados por D. Tereza a D. Pedro Froylaz, conde de Trava, e partidario de D. Afonso Raimundo, foi cedida áquela a posse de Orense e Tuy.

Nestas expedições acompanhavam o conde D. Pedro de Trava os seus dois filhos, D. Fernando e D. Bernardo, e com aquele houve D. Tereza relações ultra-amistosas, que deviam produzir em Portugal conflitos graves.

- 1112 Em 1112, por influencia do cardeal Guido, tio de Afonso de Castela (como já chamavam ao filho de D. Urraca) reuniu-se o bispo de Santiago, D. Diogo Gelmirez, com varios fidalgos

(1) O conde D. Henrique morrera em 1 de Maio de 1114, em Astorga, e foi sepultado em Braga. Só então, depois de viuva, é que D. Tereza tomou o titulo de *rainha*. Na carta de couto de Osselo, dada a Gonçalo Eriz, em 1116 por D. Tereza, já i'ortugal aí figura com o titulo de *reino*.

(2) *Historia Compostelana*.

1114 de Castela, de Leão, da Galiza e das Asturias, e proclamaram rei a D. Afonso de Castela, obrigando D. Urraca a renunciar aos direitos do reino. Só em 1114 é que se reuniu em Palencia um concílio, convocado por um legado do papa Pascoal II, em que foi considerado nulo o casamento de D. Urraca com o rei de Aragão; mas este não se deu por vencido e continuou com as armas na mão a sustentar os seus direitos à corôa de Castela.

Em 1115 teve lugar o *concílio provincial* de Oviedo, a que assistiu a rainha D. Urraca com o seu filho e nobres, assim como sua irmã D. Tereza, também com seus filhos e com o bispo do Porto, D. Hugo⁽¹⁾, e com D. Gonçalo, bispo de Coimbra, e varios nobres, e também deputados municipais (*plebs*). Nesta ocasião as duas irmãs pareciam estar em perfeita harmonia⁽²⁾.

Os muçulmanos, apesar de andarem também em luta uns com os outros, contudo aproveitaram-se da guerra civil que lacerava Castela, e o emir de Cordova, Yahia, tomou Miranda, Santa Eulalia, Soure e outros castelos que protegiam Coimbra.

Por outro lado, Afonso I de Aragão, apesar da guerra civil em que andára empenhado, ainda conseguiu alargar os seus domínios à custa dos territorios muçulmanos, tomando successivamente Ejea, Tauste, Castelar e Tudela nas margens do Ebro, e procurando tomar Saragoça, obrigando o seu rei, Amad-al-Dola, a encerrar-se na capital. Os almoravidas, que estavam já senhores de Valença, correram em socôrro do emir de Saragoça e obrigaram Afonso de Aragão a retirar-se.

1117 O proprio sultão passou o Estreito com reforços e marchou sobre Coimbra (1117), a que poz cêrco. Durou êste 20 dias e por fim as tropas muçulmanas retiraram, mas deixando tudo destruido em volta. Senhores de Saragoça, os almoravidas obrigaram o emir Amad-al-Dola a fugir com a familia, indo refugiar-se no forte de Rota. Então o destronado emir pediu o auxilio do rei de Aragão.

1118 Este, em maio de 1118 reuniu um forte exercito, ao qual

(1) D. Hugo era francês e estava como arceidiago da Sé de Compostela quando foi escolhido para bispo do Porto (1113), sendo sagrado em 1114.

(2) A. Herculano, tomo I, pag. 244, da *Historia de Portugal Aguirre*, tomo III e *Sandoval* no livro *Cinco Reys*.

se juntaram muitos cavaleiros franceses, vindo entre eles, D. Beltrão de Tolosa, filho do conde D. Raimundo de Tolosa, que casára com D. Elvira, filha de D. Afonso VI de Castela.

Este exercito, tendo transposto o Ebro e o Galego sem resistencia, foi pôr cêrco a Saragoça. Prolongou-se êste cêrco pelos meses de maio e junho, e como a praça se não rendesse, retiraram os franceses, deixando só os aragoneses auxiliados pelos arabes, inimigos dos mouros almoravidas. Os sitiados persistiram no cêrco e obrigaram finalmente a renderem-se os sitiados pela fome.

D. Afonso I de Aragão permitiu que ficassem na cidade os habitantes que quizessem, pois seriam respeitadas as vidas e as fazendas; mas a maior parte dos muçulmanos, não tendo confiança na palavra do rei Afonso, abandonaram a cidade, retirando-se para Valença e Murcia.

Repartiu D. Afonso pelos principais chefes os terrenos de Saragoça, e converteu a mesquita-mór em basilica cristã, nomeando seu primeiro bispo a D. Pedro Librana.

A capital do Aragão foi logo transferida para Saragoça. Continuou D. Afonso a série de conquistas, tomando aos mouros Tarragona, Borja, Alagon, Epila, Calatayud (1120).

Depois, marchando sobre Daroca, encontrou-se com as tropas agarenas, enviadas por Temim, irmão do imperador de Marrocos, sendo estas desbaratadas, numa grande batalha que teve lugar proximo de *Cutanda* (1120), morrendo Abu-Becre, e retirando em desordem o resto das fôrças musulmicas para Valença.

O rei de Aragão ficou então de posse de quasi todo o emirado de Saragoça.

Em 1121 teve lugar em Cordova uma revolta dos seus habitantes contra os almoravidas, que cometiam as maiores prepotencias.

Então Aly-ben-Yusef, voltou à Peninsula e meteu os revoltosos na ordem, mas sem violencias, pois viu-se obrigado a regressar apressadamente para a Africa, onde se estava operando um grande movimento contra os almoravidas, cujo dominio na Peninsula se ia tornando periclitante.

1117-1120

Durante o periodo que vai de 1117 a 1120 esteve Portugal disfrutando uma relativa tranquilidade, conquanto continuasse a luta entre D. Urraca e os aragoneses; mas em 1121 D. Urraca, auxiliada pelo arcebispo Gelmires, veiu à Galiza para rehaver os distritos de Tuy e de Orense, que estavam na posse de sua irmã D. Tereza desde 1116 (1).

As tropas de D. Urraca com as que o arcebispo trazia consigo avançaram rapidamente até ao Minho; passaram este rio sem dificuldade, e entraram pelo territorio português, obrigando D. Tereza a refugiar-se no castelo de Lanhoso com o conde Fernando Perez de Trava, que já então exercia o cargo de conde do Porto e de Coimbra (2). Era critica a situação de D. Tereza; mas o genio traiçoeiro de D. Gelmiro fez perder a D. Urraca o ensejo de sujeitar à obediencia sua irrequieta irmã.

Tinha esta, assim como D. Fernando, seus entendimentos com o arcebispo, de forma que este, alegando que se lhe tornava necessario retirar-se para ir tratar de assuntos urgentes da sua diocese, declarou que não podia cooperar por mais tempo nas atrocidades que se iam praticando, e se ia retirar com as suas tropas. Então D. Urraca permitiu que se retirassem os burgueses de Compostela, mas reteve o arcebispo com os seus homens de armas.

Fez as pazes com sua irmã, cedendo-lhe até muitas terras e lugares nos distritos de Samora, de Tôro, de Salamanca e de Avila (3) e retirou com o seu exercito para a Galiza. Ao chegar porém ás margens do Minho, mandou passar primeiro os homens de armas do arcebispo; e, logo que este se encontrou só na margem esquerda acompanhando a rainha, esta mandou-o encerrar no Castelo de Cira.

(1) Ainda em 1119 os bispos daquelas dioceses acompanhavam a côrte de D. Tereza, e confirmavam em Coimbra as mercês que esta rainha fazia aos seus subditos de Portugal.

(2) Alguns escritores dizem que D. Tereza chegára a casar com o conde Fernando de Trava.

(3) D. Tereza conservou a posse destas terras até à morte de D. Urraca (março de 1126) — A. Herculano, vol. I, pag 273 da *Historia de Portugal*.

Quando se soube em Compostela da prisão do arcebispo, produziram-se motins, e a luta reacendeu-se entre mãe e filho.

As tropas galegas do comando do conde D. Froylaz de Trava com as de D. Afonso de Castela, vieram acampar ao norte de Compostela, na margem do Tambre, em som de hostilidade contra a rainha.

1126 O papa Calisto II, tio de D. Afonso, ordenou aos prelados de Espanha que excomungassem D. Urraca, se esta não desse liberdade ao arcebispo e não lhe restituisse as suas terras e castelos. Em vista disto, D. Urraca cedeu e fizeram-se as pazes; mas mãe e filho governaram promiscuamente até que em março de 1126 faleceu D. Urraca (1).

1125 Então D. Afonso VII foi novamente proclamado rei de Castela e Leão, realizando-se a cerimonia na catedral de Leão, tendo-lhe prestado homenagem todos os condes e senhores das Asturias, de Leão e de Castela. Dirigiu-se depois a Samora (2), onde um ano antes (1125) se tinha armado cavaleiro seu primo D. Afonso Henriques (3).

Teve então lugar um acôrdo entre tio e sobrinho, e que se ficou chamando «*Concordata de Samora*», apesar do encontro ter tido lugar em *Ricobayo*, entre Samora e Miranda.

Contudo nem todos os fidalgos foram unanimes em prestar preito ao novo rei, havendo alguns que não prestaram vasalagem.

Uns, por serem partidarios do rei de Aragão, e outros por terem sido antigos partidarios de D. Urraca nas lutas entre esta e o filho. Dentre eles destacavam-se D. Pedro Gonzalez de Lara e o seu irmão D. Rodrigo.

O conde D. Pedro de Lara foi preso e encerrado nas torres de Leão e despojado dos seus feudos, e só depois obteve a

(1) Dizem que D. Urraca morreu de parto.

(2) Samora, em 1125, ainda era um dominio da rainha D. Tereza.

(3) D. Afonso Henriques tinha então 16 anos incompletos, e já mostrára pelo acto varonil dele proprio se armar cavaleiro, tirando as armas do altar de S. Salvador, que estava resolvido a ser *rei* de um povo soberano, pois só os reis é que se armavam cavaleiros. Tambem em 1124 seu primo Afonso VII procedera da mesma fórma, em Compostela, armando-se cavaleiro.

A. Herculano diz que aquele acto fôra preparado pelos fidalgos inimigos de D. Fernando de Trava.

liberdade com a condição de sair do reino. De facto, o conde D. Pedro foi acolher-se junto do rei de Aragão, que ele acompanhou, quando êste foi sitiado Bayona, morrendo aí em consequencia dos ferimentos recebidos num duelo com D. Afonso Jordão, filho de D. Raimundo de Tolosa. O outro irmão, D. Rodrigo, pediu e obteve o perdão, que lhe deu D. Afonso VII, que confiou tanto nele, que lhe deu o governo de Toledo.

Entretanto D. Tereza, apesar da concordata de Samora, não perdia a ideia de constituir um estado independente. Tratou de fortificar melhor e guarnecer os castelos do Minho, e construiu ainda outros novos.

Dentre os fidalgos galegos, que tinham tomado o partido de D. Tereza, distinguia-se D. Fernando Peres de Trava com o qual a nossa rainha mantinha relações pouco decorosas, e a quem confiára o governo dos distritos do Porto e de Coimbra. Isto fez com que muitos fidalgos portugueses formassem um partido em volta do joven D. Afonso Henriques, instigando-o a que tirasse o governo a sua mãe. Ia-se acentuando a tendencia para se formar uma nacionalidade á custa da Galiza, tendo especialmente como nucleo as terras portugalgenses, a que se juntariam os territorios que se fossem conquistando aos muçulmanos.

1127 Afonso VII não via com bons olhos essas tendencias de independencia, e por isso na primavera de 1127 organisou um exercito na Galiza e invadiu Portugal para anular as veleidades de sua tia e de seu primo.

D. Tereza, não tendo forças suficientes para resistir, foi acolher-se a Guimarães, onde então estava seu filho com outros fidalgos conspirando contra ela, e dispondo as cousas para lhe tirar o governo.

As tropas de Afonso VII cercaram Guimarães.

Assim iam vibrar um golpe contra a rainha insubmissa, e contra o filho que, revoltando-se contra a mãe, pretendia tambem proclamar-se independente.

Pela intervenção do bispo de Braga e de Egas Moniz, Afonso VII levantou o cêrco, pois D. Egas, falando em nome de D. Afonso Henriques, declarou-lhe que este se reconhecia vassalo do primo.

Isto significava que os dois emissarios se consideravam subditos de D. Afonso Henriques, e não de D. Tereza. Isto

ainda tinha por fim tornar o rei de Castela favoravel ás pretensões que D. Afonso Henriques tinha ao governo de Portugal, tirando-o a sua mãe. Era uma habilidade politica, e que surtiu efeito. A Afonso VII convinha-lhe antes favorecer as pretensões do primo em detrimento das que tinha a mãe e o seu valido. Na retirada de Afonso VII influiu tambem o arcebispo Gelmires.

D. Fernando Perez de Trava pretendia tambem constituir um estado independente, de comum acôrdo com D. Tereza, mas com a séde na Galiza.

Tinham-se formado então dois partidos. A maneira autoritaria como D. Fernando já tratava os fidalgos portuguezes, fez engrossar o numero dos descontentes, que se agrupavam em torno de D. Afonso Henriques. Estes intimaram a rainha a entregar o governo a seu filho, e, como esta não cedesse, a questão resolveu-se entre os dois partidos com as armas na mão.

O arcebispo de Braga, seu irmão Soeiro Mendes, Ermigio Moniz, Garcia Soares, Sancho Nunes e outros nobres reuniram em Braga as suas forças e marcharam ao encontro dos adeptos de Fernando de Trava e de D. Tereza, chocando-se os dois grupos inimigos no campo de S. Mamede proximo de Guimarães (1128), sendo desbaratadas as forças de D. Tereza, e ficando esta prisioneira.

Então D. Afonso Henriques expulsou do reino a Fernando de Trava, e parece que procedeu da mesma forma para com sua mãe, ainda que alguns historiadores afirmem que ela se *recolhera* ao castelo de Lanhôso (1), donde datou varios documentos, o que prova que ela esteve neste castelo.

A derrota dos partidarios de D. Tereza foi o primeiro passo dado para a constituição do reino de Portugal e para que D. Afonso Henriques se considerasse rei do novo reino.

Nêste mesmo ano de 1128 casou Afonso VII com D. Berenguela, filha do conde de Barcelona, D. Raimundo Berenguer III.

Para êste casamento contribuiu o rei de Aragão, já então em paz com o de Castela.

Em novembro de 1130 faleceu D. Tereza, sendo sepultada em Braga ao lado do tumulo do marido.

(1) Alguns ha, porém que afirmam ter sido encerrada como *prisioneira* no castelo de Lanhôso. Ainda outros declaram que isto é confusão com o que se passára em 1121.

Tinha D. Fernando Peres de Trava um irmão, D. Bermudo Peres, que se declarou partidario de D. Afonso Henriques, e que casou com uma irmã dêste, e a quem foi confiado o governo de Seia (4).

1131 D. Afonso Henriques, depois de ter tomado conta do governo de Portugal, não se considerou obrigado ao cumprimento das promessas feitas pelo arcebispo de Braga e por Egas Moniz, e, não só não quiz prestar vassalagem ao primo, mas reivindicou a posse de Tui e das terras de Limia, e para isso invadiu a Galiza (1131) aproveitando-se de estar então Afonso VII a braços com a rebeldia de alguns dos seus vassallos, e ainda com as novas incursões do rei de Aragão, que quebrára as pazes com Castela, e tambem em luta com os muçulmanos.

Contudo D. Afonso Henriques encontrou-se com as forças dos condes Fernando Peres e Rodrigo Vella e de outros fronteiros de Leão.

Nêste primeiro recontro viu-se D. Afonso obrigado a retirar; mas voltando depois a tomar a ofensiva, saiu vitorioso, e tratou logo de construir o castelo de Celmes.

Acorreu D. Afonso VII à Galiza, apoderou-se de Celmes e expulsou do territorio de Limia todos os incursores.

*

* *

Afonso VII, vendo que entre os muçulmanos lavravam grandes dissensões, quiz aproveitar o ensejo para alargar as suas conquistas.

1131 Primeiramente destroçou as forças de *Tachfin-ben-Ali* (1131); e, organisando novas forças, conseguiu reunir um poderoso exercito junto ás margens do Tejo, proximo de Toledo, para invadir a Andalusia. Estas forças foram divididas em duas

(1) Mais tarde D. Bermudo rebelou-se contra D. Afonso Henriques, e êste tirou-lhe o castelo de Seia e expulsou-o de Portugal, D. Bermudo passou então ao serviço de Afonso VII de Castela, e foi feito prisioneiro no recontro de Valverde, vindo a morrer monge no mosteiro do Salvador.

Diz-se tambem que ele fôra amante de D. Tereza antes de casar com a filha desta.

colunas para facilidade de marcha e da alimentação (primavera de 1132). Uma coluna, sob o comando do proprio rei, seguiu por *Porto Real*.

A outra, comandada por D. Rodrigo de Lara, e levando como guia o emir de Saragoça, *Abn-Giafar-Ahmed*, apelidado o *Safad-Dola* ⁽¹⁾, seguiu por *Porto de Murador*.

No fim de 15 dias de marchas reuniram-se as duas colunas proximo de Castelo Galego, que estava ocupado pelos muçulmanos.

As forças dos cristãos, constituídas por *homens d'armas*, *besteiros* e *peões*, entraram pelos campos de Cordova, saqueando e destruindo tudo na sua passagem, e assim chegaram ao Guadalquivir, que passaram sem opposição; e, deixando à direita Cordova e Carmona, seguiram sobre Sevilha, queimando olivais e vinhedos. Em frente de Sevilha assentaram seus arraiais. Enquanto aqui estiveram, todos os dias saíam algáras a tomar ovelhas, bois, cavalos, mulheres e homens, que eram feitos captivos. Foram destruidas mesquitas, sendo queimados vivos os seus sacerdotes com os livros sagrados. Depois avançaram ainda os cristãos por Jerez, que foi saqueada, e chegaram até Cadiz, em cujos arredores fizeram grandes devastações. Retiraram carregados de despojos na direcção de Sevilha, passando o Guadalquivir, sem que os mouros ousassem atacar.

Seguiram as forças cristãs por *Porto da Amarela*, por Talavera, e recolheram-se a Toledo.

Afonso VII licenceou então as suas tropas, ficando convocadas para o proximo ano.

Não pôde, porém, o rei de Castela realizar o seu intento, pois viu-se embaraçado com a renovação da guerra civil, que tomou um caracter atroz, pois as tropas de Afonso VII cortavam as mãos e os pés a todos os adversarios, que apanhavam, mesmo que fossem cristãos. Depois de quasi três anos de luta, o principal chefe dos revoltosos, o conde D. Gonçalo Pelaiz,

(1) *Safad Dola* era filho do emir de Saragoça, *Abd-el-Melik Amad Dola*, e, apoz a morte de seu pai, declarara-se vassallo de Afonso VII, cedendo-lhe varias praças fortes, e tendo recebido em recompensa varios senhorios em Castela e Leão. Assim um chefe muçulmano vem aliar-se com um rei cristão contra outros principes muçulmanos.



foi feito prisioneiro e encerrado no castelo de Aguiar, donde saiu para ser expulso do reino, vindo acolher-se a Portugal, onde D. Afonso Henriques o recebeu muito bem, dando-lhe honras e o governo de terras, pois contava com o auxilio do foragido para fazer a guerra a seu primo Afonso VII.

1132 Ainda em 1132 enviára o rei de Castela o conde D. Pedro Gonçalez Girão a fazer razias nas hortas de Sevilha, vindo ás mãos em Azaride com forças muçulmanas comandadas pelo rei Omar, sendo êste morto e o seu exercito destroçado.

Sob pretexto de ir em socôrro de Saragoça contra os almoravidas, organizára Afonso VII um exército com o qual tomou Rioja, Najora e por fim Saragoça.

1135 A posse desta cidade permitiu a Afonso VII tornar-se o mais poderoso soberano da Espanha e por isso quiz tomar o titulo de *imperador*. Com êste fim reuniu côrtes (1) em Leão (2 de junho de 1135), sendo aí coroado pelo arcebispo de Toledo, que lhe poz a corôa na cabeça e na mão um sceptro.

As festas da coroação duraram oito dias. A elas assistiu D. Fernando de Trava, a quem Afonso VII fez mercê do mosteiro do Sobrado.

*

* *

Na Africa andava acêsa luta entre *almoravidas e almohades*.

O sultão almoravida Aly ia perdendo terreno, ao passo que o chefe almohade *Abd-el-Mumen* ia alargando o ambito das suas conquistas. Os almoravidas tinham introduzido em Espanha numerosas tribus africanas, que se diferenciavam dos arabes andaluzes pelos costumes, habitos e crenças. Ainda que todos fossem muçulmanos, pertenciam a seitas diversas, e por isso entre uns e outros estabeleceram-se animadversões e odios.

Os *andaluzes*, mais numerosos e mais fortes, não suportavam o jugo dos *africanos*, havendo até alguns daqueles que

(1) Às côrtes assistiam os reis com a familia, os empregados da sua chancelaria e os diversos magnates. Tambem o terceiro estado (*plebs*) já intervinha nestas assembléas.

preferiam ser vassálos dos reis cristãos. Este facto tem grande importancia para a historia da conquista cristã.

O enfraquecimento dos muçulmanos na Peninsula era manifesto, o que animava cada vez mais os cristãos a prosseguir nas suas conquistas, e, maiores progressos teriam feito, se não fôra tambem as lutas que os traziam divididos. Contudo, D. Afonso Henriques tambem ia alargando para o sul os limites dos seus dominios. Durante o inverno de 1135 construiu o castelo de *Leirena* (Leiria), uma verdadeira praça fronteira, para cobrir o caminho de Coimbra e para servir de base a futuras operações offensivas contra os muçulmanos do distrito de Santarem (1), operações que já então trazia na mente.

1137 Em 1137 dava D. Afonso foral a Penela. Neste mesmo ano aliava-se D. Afonso Henriques com o belicoso rei de Navarra, D. Garcia Ramires, intitulado se já então *rei de Portugal*.

A estes dois se juntaram tambem os condes da Galiza, Gomes Nunes e Rodrigo Peres Veloso, os quais entregaram a D. Afonso Henriques alguns dos seus castelos.

Enquanto Afonso VII andava em luta com o rei de Navarra, foi D. Afonso Henriques atacar e tomou o castelo de Alcariz nas terras do Limia, que eram governadas por Fernando Annes (ou Joannes), em nome do rei de Castela. Mandou Afonso VII ir ao encontro de Afonso Henriques as fôrças que poderam ser reunidas por Rodrigo Vela e Fernando Peres de Trava: mas foram estas fôrças derrotadas em *Cernêja*, ficando prêso D. Rodrigo Vela e outros cavaleiros. Aquele porém conseguiu fugir.

Não pôde o rei de Portugal continuar as operações na Galiza, pois recebera a noticia que os muçulmanos tinham tomado e destruido o castelo de Leiria, degolando toda a guarnição (240 cavaleiros e homens d'armas) e destroçando tambem outras fôrças portuguezas proximo de Tomar, assim como tinham desmantelado o forte da *Herreira* (Ereira) a 22 quilometros de Santarem.

Sabendo Afonso VII o que fizera o rei de Portugal, veiu apressadamente à Galiza, entrando em Tuy, sem resistencia;

(1) A. Herculano, vol. I da *Historia de Portugal*.

1137 quando procurava reunir aqui fôrças importantes para fazer a guerra ao primo ⁽¹⁾, interveiu o cardeal Guido, e então se fez a paz, conhecida pela *paz de Tui* (4 de julho de 1137), estando presentes cento e cincoenta cavaleiros portuguezes e o arcebispo de Braga, com os bispos do Porto, de Tui, de Orense e de Segovia ⁽²⁾.

1137 Afonso Henriques declarou-se vassa'o do imperador das Espanhas, *mas conservando o titulo de rei*. Neste mesmo ano de 1137 teve lugar o concilio de Valladolid, a que presidiu o cardeal Guido, legado apostolico, e a ele assistiram o imperador Afonso VII e o rei de Portugal, D. Afonso Henriques, que viera a convite do mesmo cardeal, que procurava consoldar a paz entre os dois primos.

Então D. Afonso VII, entregando o comando das fôrças, que operavam na Navarra, a D. Rodrigo Gomez Sandoval, a Lopo Lopes de Mendonça e a Gutierrez Fernandes, seu mordomo-mór, preparou-se para atacar os muçulmanos.

Reuniu com esse fim as milicias de Segovia, de Avila, de Osma, de Salamanca, de Samora e de Ciudad Rodrigo, avançando com elas até ao Guadalquivir, e saqueando os distritos de Jaen, Baeza, Ubeda e Andujar.

Um destacamento passou o Guadalquivir para ir continuar as devastações e saque; mas, tendo chovido bastante, o rio engrossou de tal modo que o destacamento já o não pôde passar.

Cairam então os muçulmanos sobre o destacamento, trucidando-o completamente.

1138 Era o desforço pelas crueldades realizadas pelos cristãos aavez das regiões que tinham percorrido, pois queimavam as mesquitas e livros sagrados e matavam os sacerdotes (1138) Em vista deste desastre, Afonso VII levantou os arraiais e retirou para Toledo, e aqui licenceou uma parte do exercito.

(1) É preciso notar que alguns dos barões da Galiza e o arcebispo Gelmires, que deviam fornecer importantes contingentes, se demoraram propositadamente.

(2) Tambem intervieram o arcebispo de Braga, D. Paio e o bispo do Porto, D. João, os quais foram a Tui conferenciar com os bispos de Segovia, de Tui e de Orense, que acompanhavam Afonso VII.

Querendo, porém, vingar aquele desastre, determinou que novamente se reunissem fôrças importantes; e em breve recomeçou a campanha contra os muçulmanos neste mesmo ano, indo pôr cêrco a Coria, durante o qual foi morto o conde D. Rodrigo Osorio por uma seta dos mouros, que lhe atravessou a armadura, quando ele estava com um grupo de bésteiros no cimo de uma torre de madeira. Ainda mais uma vez Afonso VII deu por findas as operações e retirou para Salamanca.

1139

Convocadas novas fôrças para a primavera de 1139, foi D. Osorio Martinez (irmão de D. Rodrigo), em abril de 1139, pôr cêrco a Oreja (Aurelia), que só se entregou em outubro, após uma tenaz resistencia.

Ao passo que na Peninsula os muçulmanos almoravidas sofriam os gravosos ataques de Afonso I de Aragão e de Afonso VII de Castela, na Africa viam se tambem a braços com os *almohades*, que estavam já quasi senhores de todo o territorio dos almoravidas, ou *lamtunenses berbêres* (¹).

O enfraquecimento dêstes em Africa criou animo aos muçulmanos andaluzes para sacudirem o jugo dos berbêres, que eles tanto odiavam. As populações mosarabes tambem não podiam suportar o dominio dêsses africanos.

Não admira, pois, que os cristãos fossem muitas vezes auxiliados pelas populações mosarabes e andaluzas.

Reinava então no Andaluz e no Moghreb o califa Aly Ibn Yusuf (Abul-hassan) enquanto que no governo da Espanha estava seu filho *Taxfin*. Mas a grave insurreição que lavrava na Africa e que ameaçava o aniquilamento do império dos almoravidas, obrigou o califa Aly a chamar aquele seu filho com todas as fôrças almoravidas que pudesse levar da Peninsula.

Em conclusão: neste ano de 1139 a luta que se travava na Africa entre almohades e almoravidas, obrigára êstes a retirar

(¹) Chamava-se aos *almoravidas* tambem *lamtunas* por ter sido a tribu Lamtuna o nucleo da grande seita dos almoravidas, que tinham vindo do Yemen estabelecer-se em Africa, entre o Atlas e a Senegambia, e foi aí que, em meados do seculo XI, um iman de Fez, Abd-Allah-ben-Yassim, lhes insuflou energias e os tornou conquistadores, dando-lhes o nome de *Al-Morabé thyn*, isto é *Consagrados a Deos*. Vindo estabelecer-se junto ao Tensifai, constituiram Marrocos e construíram um imperio.

da Península a maior parte das suas fôrças; as populações andaluzes e mosarabes aumentavam de hostilidade contra os berbéres, que lhes tinham o melhor das suas terras; a península muçulmana estava dividida, havendo emires, que tinham entendimentos com os principes cristãos.

Compreende-se, pois, que tendo D. Afonso Henriques perdido as esperanças de estender os seus domínios para o norte, entrando pela Galiza, voltasse agora todos os pensamentos e energias para se apossar, ao sul, dos territorios muçulmanos.

Ele via reunir-se em volta de si um punhado de homens decididos, alguns vindos da Galiza, que eles abandonavam, como consequência das lutas políticas, e que D. Afonso Henriques recebia magnanimamente. Era preciso aproveitar estas energias, empregá-las nas lutas contra os muçulmanos, e procurar adquirir novos territorios para distribuir terras aos principais chefes, que o rodeavam. A guerra contra os muçulmanos tornava-se, pois, necessaria. A ocasião era propicia. Era pensamento dominante do nosso rei levar as suas conquistas até Lisboa; mas para isso tornava-se primeiro indispensavel a posse de Santarem. Desde 1138 que ele planeava tomar esta praça forte, onde governava então *Ismar* ou *Esmar*, e cuja guarnição não seria consideravel. Além disso, em volta havia numerosas populações mosarabes, com cujo auxilio ele contava.

Em fins de 1138 (1) e principios de 1139 foi D. Afonso Henriques dispondo as coisas para o grande empreendimento.

(1) Ha ainda quem afirme que, desde os fins de 1137, D. Afonso se preparava para a empresa de Santarem.

SEGUNDA PARTE

A batalha de Ourique

Um dos objectivos de D. Afonso Henriques e de seus barões era apoderar-se de Santarem e de Lisboa, duas cidades importantes, que por varias vezes tinham estado na posse dos cristãos; era alargar o territorio e alargar o ambito da cristandade.

1137 Se desde 1137 planeára apossar-se de Santarem, é certo porém que neste ano, nem no seguinte, se lhe não oferecera ensejo favoravel para tal empreendimento.

1138 Em 1138 começaram os preparativos, convocando a reunião
1139 das forças para maio de 1139 ⁽¹⁾.

Ainda a 18 de maio fazia D. Afonso doação de um Fogo morto ⁽²⁾ a Monio Guimariz; e, ainda ao mesmo, fazia outra doação em julho do mesmo ano,

Em junho doára ás donas (freiras) de *Cellas*, a *Par da Ponte de Coimbra*, uma herdade no sitio de *Ladya quae vocatur Rabazal*. Já então se preparava tudo para a expedição a Santarem.

Nesta epoca estavam já na posse de D. Afonso Henriques Leiria, Ourem, Ega, Redinha, Soure, Pombal, Zezere, Cardigos, Castelo de Almourol, Cêra e Penéla. A esta ultima dera foral em 1137.

(1) «Era no mês de maio que se costumavam reunir as tropas dos cristãos para marchar para as grandes operações da guerra» (A. Herculano, T. II, pag. 457, da *Historia de Portugal*).

Os *fossados* ou algarádas eram feitas pela primavera.

A estas operações de guerra não era costume irem os monarcas, mas sim ás de maior envergadura. Idem, Tomo III, pag. 326 e Tomo I, pag. 298, da *Historia de Portugal*.

(2) Chamava-se *fogo morto* a um casal ou pequena povoação deshabitada, e tendo os terrenos adjacentes sem cultura e cheios de matagais.

A *Chantarim* ou *Chatireyn*, como lhe chamavam os arabes, era não só uma praça forte, pela sua posição natural, mas tinha grande importancia por proteger as comunicações com o Alemtejo pela magnifica ponte romana que aí havia sobre o Tejo, ponte que já tinha seculos. A esta ponte se referia Francisco de Olanda em 1570, e que ele se propunha restaurar, assim como a de Abrantes.

Descrevia Francisco de Olanda as torres, que a guarneciam, assentes sobre os fortes pilares.

Por Santarem passava a via romana, que ia a Merida (1).

Em Coimbra reunira Afonso Henriques uma parte da sua *hoste*, que se foi engrossando pelo caminho e teve alguma demora em Leiria. Aqui se reuniu a cavalaria ligeira, constituida em grande parte com os *cavaleiros vilãos* (2) e o resto da *peonagem*.

A cavalaria pesada, constituida pelos *homens d'armas*, acompanhava-o de Coimbra.

A cavalaria pesada, já então constituia uma *reserva* para actuar no momento decisivo, não sendo esta que iniciava o combate, como dantes succedia.

De Leiria dirigia-se a *hoste* pela via romana, que passava, junto à serra dos Albardos, do lado do poente, seguindo por Rio Maior (3), Alcoentrinho até à *Herera* (hoje Ereira), a uns 25 quilometros de Santarem, e cujo forte foi restaurado (4).

(1) A via romana que, por Santarem ia a Merida, passava por Almeirim, Ponte do Sôr, Alter, etc.

Esta via militar partia de Lisboa, passava a ribeira de Sacavem numa notavel ponte romana, e seguia por Alverca, Vila Franca, Povoia e *Carta chãao*, que fôra um antigo *Castra romana*, no esporão que dominava os barrocaes do *Algar* (nome que ainda hoje conserva). *Cartro Chãana* era um verdadeiro acampamento militar, onde os romanos tinham uma guarnição para guardar a via militar, que de Lisboa ia a Santarem.

As vias militares eram guardadas por destacamentos, cujos acampamentos deram lugar a varias povoações.

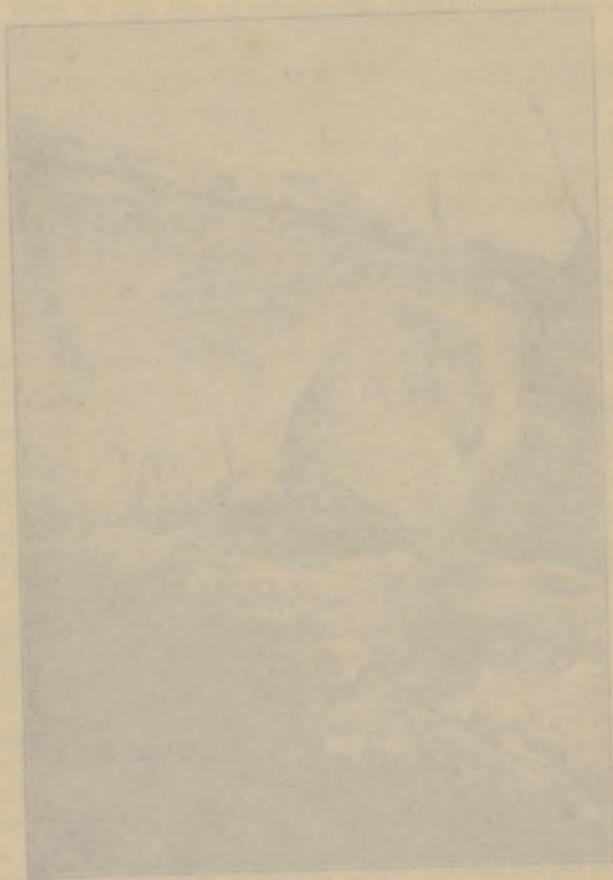
(2) Os cristãos, imitando os muçulmanos, constituíam a cavalaria na proporção de $\frac{1}{6}$ de cavalaria pesada e $\frac{5}{6}$ de cavalaria ligeira.

(3) Em Rio Maior tinham os mouros construído um castelo, e que ficava junto á capela de S. Miguel. Hoje construiu-se aí uma escola de instrução primaria.

(4) Sandoval, no seu livro dos *Cinco Reis*, refere-se a este forte, dizendo que ficava proximo de Santarem.



Fragmento da pia ablutoria que existe na igreja
de Vale da Pinta, e que remonta ao século XII



Illegible text, likely a caption or description of the photograph above.

A 24 de julho de 1139 estabelecera os seus arraiaes proximo de Vale da Pinta, entre esta povoação e as *Chãas d'Ourique*.

Nêste dia ouviu missa e comungou na égreja do Vale da Pinta com os principaes chefes da hoste (1).

É tradição que a barraca de campanha do rei se instalara no alto, que ainda hoje se chama do *Sol Posto*.

É tambem tradição que o eremita Vigildo Pires de Almeida fôra nessa noite introduzido na tenda de D. Afonso Henriques pelo seu camareiro mór, D. Fernando de Sousa, e que aquele eremita declarára a D. Afonso que em sonhos lhe apparecera a imagem de Cristo, annunciando-lhe a vitoria sobre os mouros (2).

Governava então Santarem o valí *Ismar* ou Esmar-Abuzicri, que dependia do emir de Badajoz, *Agucajera* (3).

Ismar devia já estar prevenido da marcha de D. Afonso Henriques, e, se não sabia de certeza, deveria conjecturar que o objectivo do rei cristão era Santarem, de cuja posse dependia a marcha para Lisboa.

Derrotar D. Afonso Henriques interessava não só ao valí de Santarem, como ao de Lisboa.

É pois natural que êste enviasse ao valí de Santarem as forças de que pudesse dispôr.

(1) Dessa egreja existe ainda uma pia ablutoria, já mutilada onde se vêem as letras: R. A. F. I. (*Rex Affonsus Primus?*), comemorando, por certo, a estada ali do nosso primeiro rei.

(2) O eremita Vigildo, ou Leovigildo, pouco depois da batalha de Ourique, mandou edificar uma capela a N. S.^a de Rhodes no monte das Cabeçadas, proximo de Reriz, na Beira Alta.

Ali viveu até 17 de julho de 1143, tendo sido sepultado junto á capela, que fica em frente do altar-mór.

(3) É difficil organisar a lista completa dos emires (ou reis) de Badajoz anteriores a 1041; mas a partir desta data existe completa. Por ela vêmos que em 1124, a *Abenut-Abenjacob*, sucedera *Agucajera*, que governou o emirado de Badajoz até 1140, em que lhe sucedeu *Tramayeta-Goltan* (D. Nicolás Diaz y Perez na sua «*Historia de Talavera la Real*», vila da provincia de Badajoz).

Do emir de Badajoz dependiam os governadores de Evora, Beja, Lisboa, Santarem, Coria e Merida.

Os emires da Espanha dependiam do imperador de Marrocos Taschfin Ebn-Aly, mas essa dependência era mais nominal do que real, pois o poder dos almoravidas em 1139 estava a declinar.

De Evora e Beja talvez tambem tivessem vindo algumas. De Coria e Merida não é muito provavel. Eram os valiatos que, com o de Santarem, dependiam do emir de Badajoz.

O campo de batalha

O terreno, onde se chocaram as tropas cristãs com as tropas mouriscas (estas sob o comando de Ismar) era designado com o nome de «*Chãas de Oric*» (1) e que pertenceram durante muito tempo à casa dos condes de Unhão. Era um vasto trato de terreno ligeiramente ondulado, limitado a sud'este pelo Vale d'Algares (2) e Vale de Mouros; a nascente, pela densa floresta

(1) De diversa maneira aparece escrita esta palavra: *Aulich*, *aurich*, *ouric* e *Oric*, sendo esta ultima a grafia que vem no «*Chronicon Lamecense*».

Sobre a origem e significado desta palavra tem-se emitido varias opiniões. O distinto professor e arabista, sr. David Lopes, diz que é de origem germanica, sendo o vocabulo *auricus* arabisado. Porém o dr. José de Oliveira Machado, notavel latinista, e que residiu muitos anos no Cartacho, diz que *auric* corresponde ao grego *αυριχη*; e que tambem corresponde ao latim *auris*, pois o s final equivale ao grego *χ*, e tanto que no latim antigo o s final de *auris* se pronunciava *chi=ki*, como se conserva ainda hoje no italiano *orecchio* (ouvido).

A grafia *aulich* corresponde ao grego *ωλαχ* ou *ουλαχ* = escavação. Assim como o ditongo latino *au* se representava tambem por *o*, pois temos *Claudius* e *Clodius*.

De *αυριχη* viria *ôrics* = *ôric* = *ourique*, pois o grego *χ* dá em português *k* ou *ch* alemão.

Assim — *Campo d'Ourique*, *Chãas d'Ourique*. . . — indicam locais, onde havia perto organizações defensivas e dispositivos para observar a aproximação do inimigo, especialmente da cavalaria dêste. Esta observação podia ser *visual* (em atalaias) ou *auditiva* (em escavações ou *fossas*). Nas escavações ou *fossas* colocavam-se os *esculcas* para ouvir, através do solo, o som produzido pela marcha da cavalaria inimiga. Daí a designação de *aulich*, *aurich* ou *ouric*. Não admira, pois, que haja diversos locais em que exista o termo *ourique*. (Conhecemos, pelo menos, oito locais, em Portugal, com esta designação).

Ha ainda quem lhe dê a origem latina — *aurum hic*, indicando um local onde se explorou o ouro. E, de facto, nesta zona do Tejo exploraram-se areias auríferas.

(2) Em Vale d'Algares e Vale de Mouros, terrenos de que é proprietario o sr. Antonio Ribeiro Ferreira, foram encontradas varias moedas arabes, em ouro (*dinares*) e em prata (*dírhemes*), e que, segundo declara aquele ex.^{mo} sr., as ofertou a diversos numismatas.

do *Bairro dos Falcões* (1); a norte, por uma linha determinada pelas ruínas dos *Casais Romanos* (cujo nome ainda subsiste) e por *Aldea Velha*; ao poente, pelo *Alto do Sol Pos'to* e Vale da Pinta. Hoje dá-se ainda o nome de Chãas d'Ourique a uma limitada extensão de terreno, que está na posse do sr. Ribeiro da Costa.

Na carta de aforamento dada pelo Principal Manuel Pedro Teles, tio e tutor do 6.º conde de Unhão, para se construir a povoação do *Casal d'Ourique*, ou do Ouro, se diz que esses terrenos eram uns baldios das Chãas d'Ourique.

O terreno é cortado por uma série de linhas de agua, que são, a partir de Vale da Pinta:

Vale da Julia; Vale das Pratas; Vale de Cétra ou da Portela; Vale do Palhão; Vale de Mouros; e por fim, Vale de Algares.

Estes vales deveriam então ser mais profundos e menos abertos, pois as continuas culturas a que tem sido submetidos estes terrenos, devem ter contribuído para aumentar as cotas desses vales, à custa das terras vindas das encostas. Entre estes vales correm um certo numero de dôrsos, que são, a partir ainda de Vale da Pinta:

Lombada definida pelo Alto da Quinta do Sampaio, moinhos do Cordeiro e povoação do Cartacho; segue-se a cumiada determinada por Cabeço de Ferreiro, Altos de Santiago e dos Viegas e do Moinho do Saloio; vêm depois os Altos do Pinheiro e da Quinta de Cima, Alto da Boa Vista ou do Almozarife (onde hoje está a Quinta do Sales, e que pertence ao sr. José Duarte Junior), Alto do Casal da Pedreira e Altos dos Casais d'Ourique (hoje Vila Chã d'Ourique). (2) Transpondo o

(1) O nome «*Bairro dos Falcões*» (onde houve uma povoação) e que ainda hoje conserva este nome, derivava da abundancia de falcões, que aí eram apanhados pelos falcoeiros dos nossos primeiros reis.

Diz Fernão Lopes que «D. Fernando trazia 45 falcoeiros de bésta, afóra os de pé, e moços de caça, e prometia povoar uma rua de Santarem com falcoeiros.»

(2) O antigo «*Casal do Ouro*» é hoje uma povoação muito importante, à qual ultimamente foi dado o nome de *Vila de Chã d'Ourique* para relembrar o nome das terras em que foi construída, e para comemorar a *batalha d'Ourique*, dada nestes terrenos em 1139.

Vale do Palhão, encontramos então as Alturas do Bairro dos Falcões⁽¹⁾ e da Barreira Vermelha.

Todo este terreno devia estar quasi despovoado nesta epocha, restando apenas ruínas das povoações abandonadas em consequencia, não só das varias razias praticadas pelos cristãos, mas pelas continuas lutas que se travavam entre cristãos e muçulmanos, tendo por objectivo Santarem, ou ainda Leiria.

O *distrito de Santarem*, quando da occupação muçulmana, era extenso, pois chegou algumas vezes até ao Mondego, quando êste rio constituía a linha divisória, pelo sul, da Galiza cristã⁽²⁾. Ainda se encontrava com alguns habitantes a aldeia de Bairro Falcão, onde se divisava uma pequena ermida consagrada a Santo Amaro.

«Em geral, os cristãos nas suas correrias pelas terras dos muçulmanos, não só destruíam, mas levavam riquezas e pessoas. Não eram só as populações mouras, eram tambem os mosarabes, que eram levados como escravos para os territorios dos cristãos. De uma das vezes saiu ao encontro do rei Afonso I e dos seus barões S. Teotonio (um dos grandes amigos do rei) increpando-os e ameaçando-os com a colera celeste, se não puzessem em liberdade os cativos mosarabes. E a êstes foi dada então a liberdade.»⁽³⁾

As fôrças em presença

As fôrças que D. Afonso Henriques trazia, segundo a maior parte dos cronistas, não iam além de 13.200 homens, entre cavaleiros e peões, não se devendo incluir neste numero

(1) Aqui havia uma quinta, que pertencia a D. Manuel de Quadros, que foi bispo da Guarda no tempo de Filipe II; mas tendo caído no desagrado do cardeal Alberto, resignou a mitra e recolheu-se à sua quinta, onde morreu em 1593. Hoje só existem as ruínas.

(2) Basta recordar que ainda em 1071, governando o *reino da Galiza* D. Garcia, filho de Fernando I de Castela, nas lutas que com ele teve seu irmão D. Sancho II (a quem fôra dado pelo pai o reino de Castela) êste, invadindo o territorio do irmão, o derrotou numa batalha perto de Santarem.

(3) A. Herculano, tomo III, pag. 313 da *Historia de Portugal*.

os homens das carriagens, que pertenciam ao rei e aos diversos ricos-homens da hoste (1).

Os peões costumavam trazer consigo uma parte dos viveres necessarios à sua alimentação.

Enquanto às fôrças de Ismar Abuzicri, valí de Santarem, deveriam ser superiores ás dos cristãos, pois recebera reforços de alguns dos valís dependentes do emir de Badajoz; mas não atingiam, por certo, o numero exagerado apontado pelos nossos cronistas com o fim de darem maior relêvo à vitória alcançada por D. Afonso Henriques.

Alguns dos nossos cronistas falam em 120.000 homens; outros, elevam esse efectivo a 200.000 e mesmo a 400.000, chegando mesmo a dizerem alguns que os muçulmanos reunidos nas Chãas d'Ourique atingiam 900.000 homens !!

E' isto o cumulo da exageração (2).

Nesta epoca tinha já desaparecido o califado de Cordova, passando uma parte dêste territorio a fazer parte dos reinos

(1) Este efectivo ha quem o considere exagerado, mas será para notar que, às fôrças de D. Afonso Henriques se tinham juntado as de alguns importantes barões da Galiza. Dizem os nossos cronistas que a cavalaria tinha um efectivo de 1.200 homens, e, como nesta epoca a cavalaria pesada era $\frac{1}{6}$ do efectivo total, teriamos 1.000 homens de cavalaria *ligeira* e 200 de cavalaria pesada. Ora nas Chãas de Ourique ainda é designado por *mil homens* o local onde se diz que esteve colocada a cavalaria ligeira.

Esta tradição confirma o que dizem os cronistas, em relação á cavalaria. Pelo que diz respeito à *peonagem*, a relação para com a cavalaria era de 6 a 10 para 1. Assim, admitido o efectivo de 1 200 de cavalaria, teriamos 7 200 a 12 000 homens de infantaria. E' preciso ainda notar que nos territorios entre o Minho e o Mondego, e especialmente nas Beiras, se tinha adensado a população pelas emigrações, umas colectivas, outras individuais, das populações mosarabes do sul; e ainda de mouros cativos, que se distribuíam pelos solares, pelos coutos e pelas honras; e como elemento importante as numerosas colonias, vindas de França e da Europa central, já no tempo do conde D. Henrique, que instalou em Guimarães uma colonia francesa em bairro proprio.

O elemento mosarabe predominava na formação da monarchia, e, em odio ao berbére, auxiliava os cristãos na sua luta contra os muçulmanos.

(2) Notemos que em 1147, quando D. Afonso Henriques veio com os cruzados pôr cêrco a Lisboa, o governador desta cidade apenas dispunha de 15.000 homens armados, que por turnos faziam o serviço das torres e muros (A. Herculano, tomo I, pag. 378, da *Historia de Portugal*). Por certo que em 1139, se de Lisboa foram enviados reforços ao vali de Santarem, deveriam ter sido de um reduzido efectivo.

de Sevilha e de Badajoz. Ainda que a vinda dos Almoravides tivesse parecido restabelecer a unidade muçulmana, na Península, tal não se realizára.

Então ardia uma intensa luta no norte da Africa, entre almoravidas e almohades, e ainda entre os diferentes reis da Espanha muçulmana.

Como já dissemos, o almoravida Tachfim vira-se obrigado a ir em socôrro de seu pai e levára para a Africa as melhores tropas muçulmanas e as cristãs assoldadas. As lutas civis entre os muçulmanos da Península tinham produzido perdas importantes.

Essas lutas eram constantes, e eram resultantes da falta de unidade e homogeneidade dos diferentes ramos arabes e do ódio que a êstes tinham os indomaveis berbéres, que tambem formavam diversas tribus. Não havia, pois, entre os muçulmanos, nem unidade politica, nem mesmo unidade religiosa, pois as seitas eram varias e irreconciliaveis. As divergencias religiosas vinham já do tempo do Profeta Mahomet. O odio entre berbéres e arabes era tão profundo que, quando no meado do seculo XI algumas tribus arabes foram enviadas da Espanha para a Africa, os berbéres procuraram evitar o seu cruzamento com eles, pois os consideravam inimigos do trabalho, verdadeiramente indolentes (!).

O conhecimento dêstes factos torna-se indispensavel para explicar a facilidade com que os cristãos venceram os muçulmanos e muitas vezes uns e outros se emiscuiram nas suas lutas civis.

Afonso I de Aragão, Afonso VI de Castela e depois tambem Afonso VII não descansavam na luta contra os infieis, desgastando-lhes as forças.

As populações mosarabes eram adversas ao dominio dos africanos, e o mesmo sentiam os nucleos arabes, preferindo até o dominio dos cristãos.

A importancia de Ismar não era tambem tal que viessem em seu socôrro fôrças dos outros emires, abandonando a defesa dos seus estados ameaçados pelo esforçado rei de Castela, já imperador da Espanha cristã.

(!) Henri Fournel, *Les Berbères*.

(1) Nem mesmo nos tempos das grandes invasões almorávidas se chegou a organizar um exercito com um efectivo superior a 150.000 homens (1).

De todas estas considerações é facil concluir que Ismar não teria reunido mais de 20.000 a 30.000 homens, dos quais ainda haverá a descontar a guarnição que teria de ficar em Santarem. A relação seria, pois, de um cristão para dois muçulmanos, ou, quando muito, para três.

Dispositivo das fôrças

Duarte Galvão diz que as tropas cristãs estavam dispostas em quatro *azes*: no da *vanguarda* iam 300 homens de cavalo e 3.000 de pé; na *direita*, iam 200 homens de cavalo e 2.000 de pé; na *esquerda*, 200 de cavalo e 2.000 de pé: na *reguarda*, 300 de cavalo e 3.000 de pé. Ao todo, 1.000 homens de cavalo e 10.000 de pé.

Outros elevam o efectivo a 13.200 homens, sendo 12.000 infantes e 1.200 de cavalaria, e nesta havia 200 de cavalaria pesada e 1.000 de cavalaria ligeira. Estas fôrças eram sempre acompanhadas por não combatentes, destinados à organização defensiva das posições, à carriagem e ao serviço sanitario, no qual eram tambem empregadas mulheres. Isto dava-se tanto da parte dos cristãos, como dos muçulmanos.

Com D. Afonso Henriques vinham muitos fidalgos da Galiza, que tinham tomado o partido do nosso rei nas lutas politicas contra Castela. Na vanguarda da hoste cristã ia D. Afonso Henriques com Peres Pais, seu alferes-mór, que levava a bandeira (2), e D. Diogo Gonçalves, filho de Gonçalo Ovequez.

(1) Quando Yusuf veio á Peninsula, organizou um exercito de 100.000 homens africanos, segundo dizem os historiadores arabes. Quando em 711 o judeu Târik-ibn-Ziâd invadiu a Peninsula, trouxe consigo um exercito de 12.000 berbéres; e Muça, em 712, trouxe 18.000 arabes.

(2) O *alteres-mór* era o imediato do rei, e dele recebia as ordens. No tempo de D. Fernando, quando êste criou os postos de *condestavel* e de *marechal*, passou o alferes-mór a ocupar o quarto lugar na hierarquia militar da hoste real.

A guarda era comandada por D. Lourenço Viegas ⁽¹⁾ e D. Gonçalo de Sousa.

A ala direita era comandada por Martim Moniz, filho de Egas Moniz ⁽²⁾.

A ala esquerda ia sob o comando de Mem Moniz, filho de D. Egas Moniz, já falecido.

Além dos fidalgos, que exerciam os principais comandos, muitos outros mencionam as «*Cronicas*», e entre eles citaremos:

D. Fernando de Sousa, camareiro-mór do rei; os irmãos Fernando Rodrigues e Nuno Mendes de Bragança ⁽³⁾; Garcia Mendes; Lourenço Fernandes; Egas Mendes de Gondar, filho de Mem de Gondar, afamado capitão e companheiro do conde D. Henrique; D. Gonçalo Dias;

D. Gonçalo Mendes da Maia (o Lidador) com seus irmãos Soeiro Mendes e D. Payo Mendes da Maia, que foi arcebispo de Braga ⁽⁴⁾; Diogo Gonçalves Godinho e Ega Fafes, filho de D. Fafes Lux, que fôra alferes-mór, do conde D. Henrique; D. Payo Galterre; D. Martinho de Anhaia, filho de D. Anião Estrada, fidalgo asturiano, companheiro do conde D. Henrique, sendo aquele irmão de D. João Anhaia, que foi bispo de Coimbra; Fernão Peres; D. Fuas Roupinho, que foi depois general das Galés, e era filho natural do conde D. Henrique, tornando-se notavel depois pelo milagre de N. S.^a da Nazaré ⁽⁵⁾; D. Mendo Moniz, que em 1147 tomou parte importante na tomada de Santarem; D. Gualdim Paes de Marecos, natural de Amares, filho de D. Payo Ramires e de D. Gontrode, e que, tendo sido creado em companhia de D. Afonso Henriques, foi armado cavaleiro no proprio campo de batalha; D. João Viegas,

⁽¹⁾ O *Espadeiro*, que morreu em 1191 na defesa de Silves.

⁽²⁾ Havendo dois individuos com o mesmo nome, tem isto dado lugar a confusões. D. Egas Moniz tinha por terceiro avô D. Arnaldo de Bayão, de origem alemã, que veio para Espanha em 985.

⁽³⁾ D. Fernando Rodrigues de Bragança era casado com uma irmã de D. Afonso Henriques, a infanta D. Sancha, filha legítima do conde D. Henrique e de sua mulher D. Tereza.

⁽⁴⁾ Eram descendentes de D. Gonçalo Albeazar Ramires da Maia, neto de Ramiro II, rei de Leão.

⁽⁵⁾ Em memoria do milagre (1182), mandou D. Fuas Roupinho construir um templo, tendo ido assistir à inauguração D. Afonso Henriques com seu filho D. Sancho e com D. Fuas.

a quem D. Afonso Henriques deu os bens que tinha confiscado a Ayres Mendes e a Pedro Paes, o Carofe, de Vizeu, por terem tomado o partido do rei de Leão, e terem vindo em 1133 atacar Sêa; D. Egas Gozendes, que reedificára em 1124 o castelo de Sernacelhe (um quilometro ao norte do rio Távora); D. Gutierre Paes, que viera para Portugal no tempo do conde D. Henrique; D. Lourenço de Abreu (1); D. Gonçalo Gomes da Silva, rico homem e que foi alcaide-mór de Montemór o-Velho; D. Gonçalo de Sousa (2), filho de D. Mendo Egas de Sousa; D. Mendo Payo Mogudo de Sandim; D. Paio Guterres da Silva, que, servindo o rei de Castela, tomou depois o partido de D. Afonso Henriques (3).

Inutil é enumerar mais fidalgos, que vinham na hoste de D. Afonso Henriques, alguns tendo já servido com o pai do nosso rei, e outros, ainda que tendo terras na Galiza, tinham preferido servir D. Afonso Henriques, não querendo ser vasallos do rei de Castela.

*

* *

As forças muçulmanas vinham dispostas em cinco corpos, como era usado entre eles nesta epoca: *lianteira* (mocaddemna); *centro* (al-Kalb); *Zaga* (al-çaça); *cornu direito* (maïmena); *cornu esquerdo* (meïcera).

Cada um dêstes corpos tinha o seu chefe. A êste dispositivo das forças chamava-se *Tabia*.

O corpo de batalha era constituído pelo centro e pelos dois cornos (alas).

Combinavam os muçulmanos a *ordem paralela*, imitada dos romanos, com a *ordem perpendicular*, propria dos mouros.

(1) D. Lourenço d'Abreu foi quem construiu em 1130 o castelo de Lapela, por ordem de D. Afonso Henriques e era senhor do couto e torre de Abreu, em Merufe, tendo-se já tornado notavel no combate de Val-de-Vez.

(2) D. Gonçalo de Sousa, filho de D. Mendo Viegas de Sousa, foi um dos heroes desta batalha.

(3) D. Payo Guterres da Silva casou com D. Sancha Annes, de Montemór-o-Velho, e desta familia descendem muitas familias nobres de Espanha e Portugal, como eram os condes de Portalegre, de Unhão, de Aveiras, de S. Lourenço, etc.

A cavalaria mourisca crivava primeiro o inimigo de sétas e só depois, no momento propício, suspendendo no braço esquerdo os arcos, carregava em escalão de colunas, ou de lança em riste, ou à espada.

A infantaria mourisca ocupava posições à frente da cavalaria, formando os besteiros à retaguarda dos piqueiros.

A infantaria entrava, porém, em pouca proporção com a cavalaria. A hoste cristã tinha mais infantaria (1).

Os nossos cronistas chamavam *reis* aos chefes que comandavam os cinco corpos. Daqui resulta talvez dizerem que vinham cinco reis mouros no exercito de Ismar.

É natural que o vale do Palhão separasse, antes da luta, as forças agarenas das forças cristãs. É provavel que aquelas occupassem primeiramente as alturas da Barreira Vermelha, pelo Bairro dos Falcões.

À retaguarda formaria a carriagem, as azemolas e os camelos (2), que os mouros tinham trazido da Africa, e que eram empregados no transporte das munições de boca, do armamento e das tendas. As tropas das diferentes tribus formavam separadamente os seus acampamentos (*dovvar*).

A floresta do Bairro dos Falcões permitia que a maior parte das forças agarenas não fossem vistas pelas forças dos cristãos.

Ocupada esta posição, que interceptava os caminhos que seguiam para Santarem, é claro que as tropas de Afonso Henriques não poderiam avançar para o seu objectivo, sem travarem luta com os muçulmanos.

Estes teriam as suas *esculcas* e *sentinelas* sobre o vale do Palhão e Altos do Almojarife e do André. Os *exploradores* (*al-dâlyl*) já deveriam ter anunciado a marcha dos cristãos, pois

(1) Os infantes mouriscos eram principalmente empregados como *pioneiros*, e só uma pequena parte eram *fundibularios*, *arqueiros* e *besteiros*. A carriagem e as bestas de carga, transportando viveres para os homens, rações para os solípedes e reservas de flechas e pelouros, absorviam grande quantidade de peões.

(2) Havia então na Peninsula numerosos camelos. Em 1087, o emir de Sevilha *Aben Abéd*, levou 1.000 camelos carregados de provisões ao encontro do almoravida *Yuzef*.

as tropas mouriscas não dispensavam o serviço de exploração (1). Da mesma forma procediam os cristãos.

Todos os lugares e casais da região estavam abandonados. Por toda a parte eram ruínas. Esta região tinha em anos sucessivos sido atravessada, ora por cristãos, ora por muçulmanos, em som de guerra. Os primeiros para tomarem Santarem ou Lisboa; os segundos, para reconquistarem estes mesmos pontos, e tendo como objetivo Leiria e outros castelos, que se levantavam para proteger Coimbra, como se conclue das crónicas e forais (2).

*

* *

Na noite de 24/25 de julho Afonso Henriques estava orando, pedindo ao Altissimo a sua protecção para as armas cristãs. Jejuára; e todo ele se entregava a uma profunda oração no Alto chamado de S. Tiago, nas Chãos d'Ourique, quando, deixando-se adormecer, e em virtude do estado afectivo que o dominava, sofreu um phenomeno de auto-sugestão, em virtude do qual, se lhe representou o aparecimento de Cristo Crucificado, annunciando-lhe a vitoria. Era a reprodução da visão que tivera Vigildo Pires d'Almeida. O estado patologico de D. Afonso Henriques explica este phenomeno psicologico. O seu misticismo teve uma influencia proponderante neste sonho, phenomeno que só pode ser negado por quem o não pode conceber (3).

(1) É errado o conceito que alguns escritores formam acêrca da maneira de fazer a guerra naqueles tempos, supondo que os combates não obedeciam a regras algumas.

Já se fazia a exploração e adotavam dispositivos de segurança, a distancias porém mais reduzidas, consoante o armamento então empregado, *Nihil novi sub sole*.

Já os arabes empregavam para cobertura das fronteiras — os *Rabitos*, constituindo *ordens militares*, que os cristãos copiaram.

(2) Assim se explica a existencia de diversos *fogos mortos* que havia aqui e em outros locais, onde houvera acesa luta entre mouros e cristãos.

O lugar de *Carta chãao* (hoje vila do Cartacho) era ainda um fogo morto, quando D. Sancho II o doou a Pero Pachequo (sic).

(3) O místico crê na existencia de uma força exterior, divina, que dirige a actividade de todo o universo. Assim ha para ele factos que são determinados por um agente sobrenatural. Dai, a crença no milagre, que, como diz Durkheim, constitue a virtude dinamogenica da religião, que transforma homens em herois.

(1) Acordou, de tal sonho, e, tomando-o como realidade, chamou os principais chefes, aos quais comunicou esse acontecimento. O caso não era novo nos anais dessas gigantescas lutas entre cristãos e muçulmanos. Em muitos momentos criticos se considerava como certa a intervenção divina em prol dos cristãos.

Com as crenças religiosas d'esses tempos, e dado o espirito místico de D. Afonso Henriques e dos seus companheiros d'armas, facil foi para eles o convencimento de que Jesus Cristo, como enviado de Deus, protegeria mais uma vez os cristãos na batalha que estava iminente.

Esta crença bastante teria contribuido para levantar e robustecer o moral dos cristãos.

E não são as forças morais elementos preponderantes a influenciar na decisão de uma batalha? (1).

Tudo se preparou nessa noite de 24/25 para o combate.

Ao amanhecer de 25, antes de montar a cavalo e passar revista ás suas tropas, Afonso Henriques foi novamente orar, e implorar a protecção divina; mas eis que outra maravilha; outro *milagre* o surpreende! Vinha o sol a soerguer-se e para o lado do nascente uma massa de plumbeas nuvens se elevavam. Os raios do sol ao atravessarem essa massa de gotas de agua fluando na atmosfera, são dispersos e decompostos, apresentando-se então feixes luminosos esbranquiçados, uns numa direcção horisontal e cortando como que corôas luminosas, enquanto outros, de diversas côres, irradiavam em diversos sentidos. Uma maravilha!

D. Afonso Henriques julga vêr desenhar-se no ar a imagem de Cristo numa cruz luminosa, e assim tomou como um novo milagre, o que não passava de um natural fenomeno meteorologico. Todo o exercito observou este fenomeno e o tomou

(1) «O misticismo, diz Oliveira Martins, faz brotar do fundo da alma a fé ardente que excede os meios humanos».

É nesta fé ardente que se caldeia o heroismo dos grandes homens que numa dada epoca, são marcos miliarios na historia da humanidade.

como um *milagre divino*, que de facto produziu o *milagre humano*, como muito bem disse o Sr. David Lopes (1).

*

*

*

Ao amanhecer do dia 25 de julho de 1139 também Ismar fez a oração da manhã (*al-Zala al sobbi*) enquanto os exploradores e expiões examinavam o dispositivo das forças dos cristãos.

(1) Dado o espirito místico dos homens desses tempos, fácil foi às almas crentes e simplistas admitir que mais um milagre tivera lugar. O fenómeno meteorológico, hoje facilmente explicável, não tinha explicação então senão no sobrenatural. Ora como as camadas das gotas de água suspensas na atmosfera, e que constituem as nuvens, são de diferente densidade, a refrangibilidade da luz é deveras nas diferentes camadas, e por isso a luz branca do Sol só apresenta algumas das côres do espectro: em geral, a violêta, alaranjada e vermelha. Evidentemente naqueles tempos os conhecimentos opticos e meteorológicos não permitiam explicar segundo leis naturais, aquele fenómeno, que algumas vezes se torna surpreendente.

A própria côr escura das nuvens é resultado da difusão da luz, quando o sol está próximo do horisonte, pois é então mais espessa a camada de nuvens que os raios solares têm de atravessar. Então a absorção e difusão da luz podem produzir fenómenos surpreendentes de coloração, como tive ocasião de observar na manhã de 28 de Agosto de 1926 no alto de S. Tiago, próximo de Vale da Pinta, vendo-se de uma maneira distinta os braços paralelos, e nos seus intervalos diversos raios avermelhados e alaranjados.

Isto mesmo teria lugar na manhã de 25 de julho de 1139.

Em torno do *mitâgre de Ourique* (como então foi considerado) formou-se uma lenda que os cronistas envolveram em românticas fantasias, fundando-se mais na psicologia das multidões, que mais facilmente admitem o que é revestido de maravilhoso, do que a realidade dos factos.

Quando se não sabe explicar os factos, recorre-se a explicações maravilhosas. O homem não querendo confessar a sua ignorância, procura sempre dar uma explicação, ou científica ou maravilhosa. Aos que não admitem o «*mitâgre d'Ourique*», se poderá dizer como A. Herculano; «A sabedoria humana, que se crê mais profunda que a de Deus, sorri-se das ideas que lhe repugnam, porque não sabe explicá-las». (A. H., T. 2.º pag. 248, da H. de Portugal).

Diz ainda A. Herculano, tratando do reinado de D. Sancho I, «que nesta época não deveria parecer extranho que os espiritos, ainda os mais alumiados, fossem credulos e supersticiosos. O proprio D. Sancho I, tinha uma mulher de virtude a qual consultava todos os dias,

Em breve se iam colocar trente a frente, ondeantes ao vento, o estandarte da cruz e o crescente do islam.

Não era esta operação guerreira um simples *fossado*.

Pelas forças, que se iam chocar, de um e outro lado, era mais que um fossado ; era uma batalha (!).

Bastava a presença do rei e dos ricos-homens para se ficar convencido disso.

Os que afirmam ser um simples fossado desconhecem por completo a estrutura e o funcionamento desta operação de guerra. O proprio A. Herculano se contradiz, quando declara que estas razias eram feitas só por homens a cavalo. Ora nas Chãas de Ourique entrou uma parte importante de peões, que usavam um pequeno escudo oval, de couro, que se chamava *Cetra* (2); e nas Chãas d'Ourique existe um vale que, atravez tantos seculos, ainda conserva o nome de «*Vale dos Cetra*» Aqui esteve, pois, a infantaria da hoste de D. Afonso Henriques.

A cavalaria ligeira tinha um efectivo de *mil homens*. Da mesma forma ainda ha um local, divisoria das aguas de duas pequenas depressões, que conserva o nome de *mil'homens*.

Agitaram-se os estandartes do Crescente e os pendões da Cruz. Uns, evocavam Cristo e Santiago, os outros, Allah e

(!) A palavra *fossado* provinha da organização defensiva (*valo* ou *fosso*) que os atacantes adoptavam, cercando os acampamentos onde ficavam os meios de transporte com uma pequena guarnição, enquanto a outra ia fazer as presas e as destruições.

Nestas empresas não era costume ir o rei, nem os ricos-homens, a não ser aqueles que eram interessados na razia ; mas tomavam parte os *cavaleiros vilões* (que possuíam herdades e casais e eram obrigados a ter cavalo), assim como os *peões*, recrutados principalmente entre os colonos.

Este serviço pessoal podia, porém, ser remido, mediante um tributo, que se chamava a *fossadeira*. Nos territorios que já ficavam afastados das fronteiras muçulmanas este serviço militar era substituído por um imposto predial fixo. Era isto corrente nos distritos ao norte do Douro, onde se pagava a *fossadeira*, ou em dinheiro, ou em generos. Este imposto regulava por um *morabitino*.

Aos fossados dos cristãos correspondia da parte dos mouros uma operação edentica—a *ghaswts* (A. Herculano, T 3.º pag. 334).

Quando o rei tomava o comando da hoste, todos eram obrigados a apresentar-se.

O encontro de cristãos e mouros nas Chãas d'Ourique não foi pois, um *fossado*, mas uma operação de maior envergadura.

(2) Era analogo à *pelta* dos romanos.

Mahomet. Ao som dos clarins e dos timbales ouviam-se os hinos guerreiros e religiosos dos muçulmanos.

Iam chocar-se homens de raças e religiões diferentes. Iniciaram os muçulmanos o combate, confiados na superioridade do numero; mas do seu lado não havia a homogeneidade de comando, nem tropas que defendessem o sólo de uma patria sua. As fileiras muçulmanas eram já então constituídas por muitos mercenarios, e por mosarabes, que coersivamente eram levados a combater, quando nas suas veias refervia-lhes o sangue em odio contra esses africanos que os tinham vindo esmagar e tirar-lhes uma parte das terras, ou lançar-lhes pesados tributos.

Primeiro zumbiram pelos ares as flechas despedidas das béstas e dos arcos; e, apoz renhida luta, procurou a cavalaria agarena tornear o flanco direito dos cristãos; tambem rapidamente aí acorreu a cavalaria pesada dos cristãos a deter a torrente da cavalaria mourisca, que os peões tinham já recebido nas pontas dos seus piques. Foi porfiada a luta e tornou-se mais acesa no sitio onde se levantaram mais tarde os Casaes d'Ourique. Aquí se enterraram os cristãos, que caíram exangues no combate. Ainda não ha um centenar de anos que se erguiam essas conicas arvores funéreas, que assinalavam ao viandante o campo do eterno repouso!

Os ultimos ciprestes foram cortados ha umas dezenas de anos no sitio chamado «*Casaes dos Ciprestes*».

Ainda ha quem se lembre do derradeiro, umas poucas de vezes secular!

Muitos dos fidalgos portuguezes ai caíram para não mais se levantarem.

Nesta batalha morreu Hermigio Gonçalves, natural de Ourem, o homem de maior força daqueles tempos.

Seu filho, Gonçalo Hermiges, tambem era de desmedida força e tal mortandade fazia nos mouros, que lhe chamavam o *Traga-mouros* ⁽¹⁾.

(1) Foi Gonçalo Hermiges, que armando uma cilada, captivou umas poucas de mouras proximo de Alcacer do Sal, e entre elas, a formosa *Fátima*, filha de um nobre mouro, e que ele levou para Coimbra, onde estava D. Afonso Henriques. Foi esta moura batisada com o nome de *Oriana Hermiges*. Pouco depois morreu Oriana, e Gonçalo Hermiges, que tinha por ela grande paixão, recolheu-se

Tambem foi morto D. Martim Moniz, filho de Egas Moniz. Muitos outros fidalgos e cavaleiros caíram mortos no campo de batalha. A mais rija peleja teve lugar no sitio, que se ficou chamando o «*Campo de Ciprestes*», (onde hoje já se tem construido casas da moderna *Vila Chã d'Ourique*), e ainda: «*Campus salutis* (campo da salvação) e por isso aos primeiros povoadores se deu o nome de *salutinos* (e não salatinos), de que se conserva ainda hoje a tradição e que constitue uma honra.

Os mouros deixaram nas mãos dos cristãos muitos prisioneiros, e entre eles, os dois chefes, *João* e *Cias*, que foram levados para Coimbra e aqui foram batisados, recebendo os nomes de Afonso e de Giraldo (1).

Ao cair da tarde de 25 os mouros abandonavam o campo de batalha em grande confusão, sendo perseguidos até proximo do Vale de Santarem. As perdas dos cristãos deviam tambem ter sido importantes; contudo permaneceram no campo de batalha.

É tradição que no «*Alto do Sol Posto*» D. Afonso Henriques reuniu os principais chefes, e foi aí que estes vitoriarão ou aclamaram o *seu rei* (2).

ao convento de Alcobaca, fundando depois, a 6 quilometros a Oeste de Ourem, um convento para onde foi com mais cinco frades (5 de julho de 1171), e a este sitio se ficou chamando *Fátima*.

Em lembrança de Oriana, a rainha mudou o nome a povoação de *Abdegas* para *Aurem* ou *Ourem*.

(1) Foi o proprio rei D. Afonso Henriques o padrinho de baptismo dos dois convertidos.

(2) Tem havido por certo confusão. A tradição alterou o significado do acto, que teve lugar no «*Alto do Sol Posto*».

O ter sido D. Afonso aclamado, não é o mesmo que ter sido proclamado rei. Existem varios documentos anteriores a 25 de julho de 1139, onde já figura D. Afonso com o titulo de *Rei*. Examinemos alguns:

a) Num documento de 1131, em que o capitão Sueiro Teles faz uma doação ao Mosteiro de Pedroso, porque, estando para ir para a guerra, nela poderia morrer, se lê:

«*Si contigerit me mori in hac via in qua Dominus meus — Alfonsus Rex — jubet ire, scilicet ad Campus : eatis pro me et sepeliatis corpus meum in Monasterio*».

Vêmos, pois, que já em 1131 se dava a D. Afonso o titulo de rei.

O milagre de Ourique

Seja-nos permitido fazer algumas considerações sobre este tão debatido assunto.

Não houve milagre divino, mas sim milagre humano, diz o sr. David Lopes.

A' face da sciencia assim será ; mas os que teem Fé, admitem o milagre divino. E' uma questão de consciencia, que não se discute.

O milagre de Ourique, seria porém uma invenção? Não estaria no espirito da epoca considerar milagre o que se não podia explicar de outra forma?

¿Atribuir a vitoria dos cristãos nas Chãas d'Ourique a uma intervenção divina será um caso singular, e tão singular, que só da cabeça de um frade poderia sair?

A titulo de curiosidade vamos verificar se noutros combates a vitoria dos cristãos foi atribui la tambem a alguma intervenção divina.

Contam as cronicas que a Ramiro I de Leão lhe apparecera Santiago (842-850); e que ao bispo de Leão apparecera Santo Isidoro em sonhos, annunciando-lhes o triunfo do cristianismo na Espanha.

b) No foral da vila de Penela, dado por D. Afonso Henriques em julho de 1137 (existente na Torre do Tombo) se lê:

«De illa Atalaya Rex media, et habitatores alia media. De Vigilia de muro Rex media, etc.»

Já em 1131 tinha dado a Penela outro foral.

c) Em 1132 D. Afonso Henriques coutou o mosteiro de Arouca a Monio Rodrigues, filho de D. Tóda, e a sua mulher, e nesse instrumento de doação se diz:

Amodo facio Kautum illum, talimodo, ut omnem rem illam, quae ad Regem pertinet, Calumnia, Karitelum, Fossadariam, Regalengum, dimitto, et dono, ut illis, qui habitaverint in Monasterium illum, habeant semper faciendi quae voluerint.»

Poderia ser que D. Afonso Henriques, conquanto se intitulasse já rei, contudo julgasse necessario que, como tal, fôsse reconhecido pelos ricos-homens e alto clero. É certo que em 1146 D. Afonso Henriques reuniu um **Concilio** (*côrtes*) em Coimbra para se assentar na maneira de ir tomar Santarem, e aí os nobres e clero emitiram a opinião que não havia então forças suficientes para tal empresa.

Em 1060, nos campos da Veiga, no concelho de Felgueiras, o conde D. Nuno Mendes, vendo que os mouros tinham pôsto os cristãos em fuga, orou, a pedir o auxilio divino, e, declarando aos seus que lhe apparecera S. Martinho montado num cavallo branco e armado de uma lança, intimou-os a que voltassem a combater os infieis, que êstes seriam vencidos; e aqueles assim o acreditaram, e *voltando cara aos mouros*, caíram sobre eles e os derrotaram.

D. Nuno Mendes, em memoria do acontecimento, mandou em 1068 construir uma igreja no sitio em que tivera lugar a batalha.

Ainda os cristãos atribuíam à intervenção da Santissima Virgem, cuja imagem ia nas suas bandeiras, a vitoria alcançada contra os muçulmanos em «*Navas de Tolosa*» (1212).

Ainda corre voga o caso milagroso que succedea ao conde de Castelo Melhor, quando, perdido o valimento na côrte, fugiu para Pombal, e uma escolta, ida de Lisboa, o foi procurar para prendê-lo.

Recorrendo à intercessão de Santo Antonio, pelo qual tinha grande devoção, conseguiu que o não vissem, estando num cardal. Quando os animos se tornaram mais sossegados em Portugal, mandou ele construir o mosteiro de Santo Antonio do Cardal, e, já então cego, veiu assistir à sagração do templo.

Ainda os cristãos atribuíram a um milagre, em que interveiu a Virgem Maria, a vitoria alcançada por um destacamento de 1.500 homens, que D. Afonso Henriques tirou ás tropas, que cercavam Lisboa em 1147 para se ir opôr, na ponte de Sacavem, às fôrças muçulmanas que iam socorrer Lisboa, e que eram superiores a 5.000 homens.

Tal era a fé que os portuguezes tinham em Santo Antonio, que o levaram as tropas com que o marquez das Minas entrou em Madrid. E ainda a imagem dêste santo acompanhou as tropas portuguezas na «*Guerra Peninsular*».

Não eram só os portuguezes que criam em milagres. Em 1147 os inglêses, que ajudaram D. Afonso Henriques a tomar Lisboa, traziam consigo uma imagem de Nossa Senhora à qual consagravam grande devoção. Esta imagem ainda existiu por muito tempo no convento do Varatojo.

Afirmava D. Nuno Alvares Pereira que no combate de Valverde (1385) saira vitorioso, porque, tendo antes da batalha esta-

do a orar entre dois penedos, vira Nossa Senhora anunciar-lhe a vitória; e então, levantando-se com semblante tranquilo, e dominado por uma intensa Fé, derrotou os castelhanos.

Também o mesmo D. Nuno declarava que saíra vitorioso na batalha dos Atoleiros (1387) pela intervenção divina, mandando depois construir uma capela no sitio da batalha, da invocação de Nossa Senhora da Orada.

Não era crença entre os portugueses que, na batalha de Goa estivera ao lado de Afonso de Albuquerque o apóstolo Santiago envolto no seu manto de cavaleiro? Não diz o conde de Vila Flôr, num relatório oficial, que saíra vencedor no Ameixial, porque invocára o auxílio de Nossa Senhora da Conceição?

E no Buçaco, em 1810, não carregava a infantaria inglesa, entoando hinos religiosos?

Agora ouçâmos o que nos diz Alexandre Herculano ao descrever-nos a tomada de Alcacer do Sal, em 1217:

«Quando na madrugada do dia 11 de setembro de 1217 os 300 cavaleiros cristãos acometeram os muçulmanos, que vinham em socôrro da praça mourisca, estes puzeram os cristãos em debandada. Acorreram então 500 cavaleiros das Ordens religiosas um pouco hesitantes; mas eis que, no momento em que avançavam ao ataque, começava a aparecer no horisonte o sol, e então viram nos ares uma cruz brilhante, o que foi considerado um sinal divino, e isto de tal forma exaltou os cristãos, que êstes derrotaram os mouros» (1).

A. Herculano diz então a respeito do *milagre de Alcacer do Sal*: «a crença dos cavaleiros cristãos no auxílio celeste, sentimento assaz energico para lhes mostrar no espaço uma cruz resplandecente, veiu favorecê-los.» E mais adiante: «Ainda em tempos de mais luz, tanta fortuna legitimaria a crença no favor celeste, quanto mais numa epoca em que a credulidade fazia sempre intervir o Omnipotente nestes crueis dramas de matança e de estragos.» (2)

Nesses tempos de milagres, em que os homens ainda mere-

(1) Este phenomeno meteorologico é identico ao que se deu nas Chãas d'Ourique na manhã de 25 de julho de 1139.

(2) A. Herculano, tomo II, pag. 204 da *Historia de Portugal*.

ciam a protecção divina, não eram os cristãos os únicos contemplados.

Tambem aos muçulmanos sucediam milagres.

Contam os escritores arabes que, com Jacúb-aben-Yusef, succedeu um caso analogo ao que tivera lugar em 1139 com Afonso Henriques, nas Chãas d'Ourique.

Em 1195 Jacúb, o Almançôr, filho de Aben Juçuf, morto no ataque a Santarem em 1184, na vespera da batalha de *Alarcos*, passou parte da noite em oração, deixando-se por fim adormecer.

Durante o sono teve uma visão:

"O ceu abrira-se, e um cavaleiro montado num cavalo branco, tendo na mão uma bandeira verde, dirigiu-se ao chefe muçulmano, declarando-lhe que vinha enviado por Allah, a anunciar-lhe a vitoria e as celestes récompensas para ele e para todos os que combatessem com ele."

Jacúb chamou os chefes, contou-lhes a visão que tivera, e estes divulgaram por todo o exercito a milagrosa aparição, de forma que cada soldado julgou desde então que era certa a vitoria."

Esta convicção deu-lhes tal fôrça moral, que no combate sentiam decuplicar-se-lhes a energia. De facto, os cristãos foram derrotados nesta batalha, perdendo mais de 30.000 homens.

Não era tambem crença entre os muçulmanos que a Mahomet apparecera o anjo Gabriel, ordenando-lhe, em nome de Deus, que prégasse a Verdade?

E Christovam Colombo na sua aventureosa viagem à descoberta das Indias, não afirmava que, no meio das tempestades, lhe apparecia Deus, revelando-lhe o intimo segredo das coisas?

E esta fé tornou-o heroi.

* * *

Recordando o chamado milagre d'Ourique ha junto à igreja de Nossa Senhora da Atalaia (Santa Marta do Bouro, no Minho) uma estatua colossal, na posição de joelhos, simbolizando a posição em que estava orando D. Afonso Henriques, quando teve a visão de Cristo Crucificado.

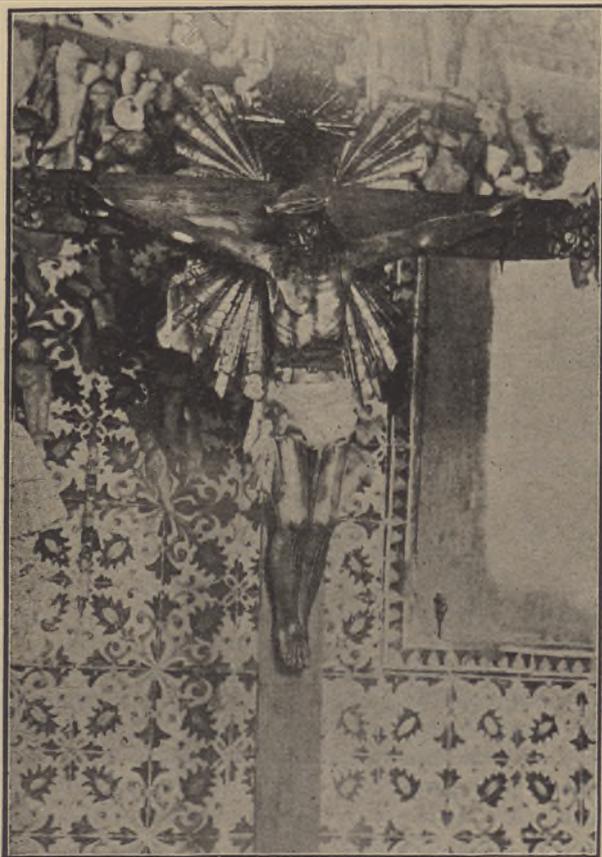


Imagem de Jesus crucificado que existe na capela
de D. Berengaria (hoje quinta do Sr. Salazar).

avec le produit de la vente, il y a eu un grand succès.

Toutefois, les impressions sont restées faibles, et il y a eu un grand nombre de personnes qui n'ont pas pu venir. Les personnes qui ont pu venir ont été très intéressées et ont acheté beaucoup de livres.



Portrait de Jean-Baptiste de La Salle, fondateur de l'Ordre des Frères des Écoles, par M. de La Salle.

Le portrait de Jean-Baptiste de La Salle, fondateur de l'Ordre des Frères des Écoles, est gravé sur bois. Il est très fin et très détaillé. On voit bien ses traits, son nez, ses yeux, et sa bouche. Il est représenté en buste, avec une robe simple et une cravate. Le fond est blanc, ce qui fait ressortir le portrait.

Tambem D. Berengueira ou Berengaria, ⁽¹⁾, fundadora do convento de Almoster, mandou construir nos seus terrenos de Vale da Fonte e do Arrudel (*Arrundel*) ⁽²⁾, não longe do campo de batalha, uma pequena igreja com o Cristo Crucificado, comemorando a aparição de Chãas d'Ourique. Estes terrenos foram doados por D. Berengaria Aires ao dito convento de Almoster.

A rainha Santa Isabel, que era muito amiga de D. Berengaria, sempre que estava em Santarem, ia ao convento de Almoster; mas passava primeiro pela pequena igreja do Santo Cristo do Cartacho, onde ia fazer oração, ficando nas casas que aí tinham os Salazares ⁽³⁾ e seguindo depois a Pontevel e daqui a Almoster.

Tambem D. Diniz veiu muitas vezes fazer oração ao Santo Cristo do Cartacho, imagem talvez do seculo XIII, mas que a tradição leva mais longe a sua existencia, attribuindo-a ao tempo do proprio D. Afonso Henriques. Em conclusão, nos primeiros seculos da monarquia havia uma densa atmosfera de misticismo e de fé, tudo favorecendo a crença na existencia de milagres. O mais extraordinario facto, que humanamente não era possivel explicar, era logo attribuido a intervenção divina.

(1) D. Berengaria era filha de D. Sancha Pires. Esta foi freira da Ordem dos Templarios, em 1272, ano em que o mestre da Ordem, D. Beltram, concedeu a D. Sancha e a sua filha D. Berengaria o usufruto da vila de Rodão. Em 1299 concedeu o papa Nicolau 4.º licença para a fundação do convento, mas já então vivia em recolhimento D. Berengaria na sua quinta de Almoster.

(2) Parece ter-se estabelecido aqui uma colonia sob o comando de um fidalgo inglês natural do condado de Arvundel, e desta colonia saíram, no reinado de D. Diniz, alguns colonos a repovoar o Cartacho, então "*fogo morto*".

(3) Nas terras do Vale da Fonte e Arrudel constituiu, em 1635, um Morgado, D. João de Frias Salazar, filho de D. Ventura Frias Salazar, e neto de D. Tomaz Frias Salazar, que serviu o imperador Carlos V nas Comunidades de Castela, e era casado com D. Constança de Vasconcelos, dama da rainha D. Isabel.

Era D. João de Frias Salazar bisneto de D. Rodrigo Salazar, e por sua bisavó, D. Maria Ortez, descendia de D. Ramiro I, rei de Leão. Seu quarto avô, D. Jorge Gonçalves de Salazar, morreu na batalha de Aljubarrota, sendo casado com D. Maria de Frias, descendente de D. Pedro Gonçalves de Frias, rico-homem do imperador D. Afonso VII, primo do nosso D. Afonso Henriques. A familia Salazar pertencia o martir S. Lourenço de Salazar. Os irmãos, D. Gastão de Salazar e D. Galindo de Salazar, torçaram parte na memoravel batalha de *Roncesvales*, em 809, auxiliando com as suas tropas Bernardo del Carpio, o vencedor de Carlos Magno.

D. João Frias Salazar casou com D. Mariana de Moscoso Osorio, descendente dos condes de Feira e do Mestre de Aviz, D. João I.

Portanto, para que imaginar que o milagre de Ourique foi um produto inventivo do cerebro de Fr. Bernardo de Brito? Oliveira Martins diz — «que o espanhol encontrou no misticismo um fundamento para o seu heroísmo, e fez do amor divino a melhor arma para o seu braço, e ao mesmo tempo que era iluminado por uma visão interior, era impellido por um ardor de independencia e de bravura ingénitas.»

Seja-nos ainda permitido não fechar este capitulo de milagres, sem me referir a um outro milagre que é conhecido pelo — «*Milagre do Santo Cristo do Cartacho.*»

Passou-se isto pouco depois da ultima invasão franceza em Portugal, quando ainda existia o celebre convento de S. Francisco, junto de cujo bosque tanto se illustrou o batalhão de caçadores n.º 3 no combate aí travado contra os franceses, em 18 de novembro de 1810 (4).

Notára o eremitão da pequena igreja do Santo Cristo, no Vale da Fonte, que a imagem de Jesus Crucificado estava transudando sangue. Veiu participar o facto ao convento de S. Francisco, e então um frade, acompanhado de muito povo, foi observar o fenomeno. Com um pano limpavam a imagem, e ficou o pano molhado de sangue. Foi êste pano guardado em uma anfora, e esta colocada num nicho, que se abriu na

A familia Salazar é, portanto, aparentada com a maior nobreza de Espanha e de Portugal, já existindo neste país no tempo de D. Inês de Castro e de D. Pedro I alguns ramos desta familia. Nas terras do Arrudel (hoje) ou do Arrundel e ainda Ardel e Arredel, havia a «*Quinta do Vale do Pirccom*» ou do *Reel*, que em 1 de agosto de 1386 foi aforada a João Gil e a sua mulher Constança Annes. É desta familia Vicente Gil, do Ardel (sic) um dos homens bons a quem D. Dinis concedeu, em 1312, a carta de foral para ser povoado o lugar do *Cartaicho* (sic), existindo ainda hoje a chamada «*Quinta do Gil*» e que fôra pertença desta familia Gil.

Ora êstes terrenos do Ardel e do Vale da Fonte tornaram-se pertença da familia Salazar, que mais tarde aí constituiu um *Morgado*, como dissemos. Em 1854 as freiras de Almofter moveram uma demanda contra D. Maior Gusmão Coutinho Salazar Moscôso, exigindo o pagamento dos fóros em divida, ou reivindicando a posse dos terrenos. (Vejam-se os documentos existentes no Cartorio do Ex.^{mo} Sr. Joaquim Salazar Leite).

(4) Este convento fôra fundado em 1525 por D. Isabel Mendanha, mulher de D. João de Menêses, camareiro-mór do principe D. João, na sua quinta do Cartacho.

parede do lado do Evangelho. Ainda hoje ali se vê o nicho, mas não a anfora (1).

Enquanto à *importancia* da batalha de Ourique, que alguns escritores teem reduzido a simples *fossado*, parece-nos que é manifesta essa importancia.

Em primeiro lugar, não foi um fossado, não só pela época em que foi realizado, mas também pelos efectivos que tomaram parte naquela operação; e ainda, a longa preparação (fins de 1137 ou principios de 1138) bem prova que se tratava de alguma coisa de maior alcance do que um simples fossado. A presença de D. Afonso Henriques, commandando a hoste, bem demonstra a envergadura da operação.

Ainda a batalha de Ourique assumiu importancia pela quantidade e qualidade dos ricos-homens que nela tomaram parte. É para notar que nesta batalha se evidenciou a decidida vontade que havia da parte não só dos nobres portuguezes, mas mesmo de alguns da Galiza em se collocarem em volta de D. Afonso Henriques para que se fundasse um estado independente. Na batalha de Ourique mais uma vez se evidenciaram as belas qualidades de character e de energia de D. Afonso, assim como se divisa que uma nova sociedade vai desabrochar em opimos frutos, e que D. Afonso Henriques integra todas as forças que se concentram, e cuja resultante será a constituição de uma nacionalidade robusta.

D. Afonso Henriques simboliza o misticismo cristão daqueles tempos e o genio do cavaleiro da idade media.

Mas o nosso primeiro rei reconhece que precisa da cooperação dos magnates, e é por isso que nada resolve sem o seu assentimento.

Não admira, pois, que, lançados os fundamentos da nascente nacionalidade, ele precisasse reunir e definir o pacto que se tornava preciso firmar entre ele e os seus ricos-homens, barões, e grandes dignatarios clericais.

Não repugna, pois, admitir que os reunisse em *concilio* para se assentar nos fundamentos da nascente nacionalidade,

(1) O facto não era novo, pois já se repetira por três vezes em 1635.

ele que não hesitou em reunir um concílio em Coimbra para se assentar no plano de uma nova tentativa de ataque a Santarem (1147). É certo que neste concílio nada se resolveu de definitivo; mas ele de si para si resolveu qual seria a operação a realizar, recebendo como bôa a indicação de um novo itinerario, de mais difficil transito, mas por onde o inimigo menos o esperaria, e, para que não se divulgasse a operação, realizou em 1147, só marchas de noite. Não é porém nosso proposito ir descrever as operações realizadas em 1147, que permitiram a posse da tão desejada praça de Santarem, que abria o caminho para conquista de Lisboa.

Ainda notaremos (para os que se lhes antolha possivel a batalha de Ourique no Alemtejo) que os mouros, em 1139, possuíam uma rede de posições militares que impediam quaisquer veleidades de D. Afonso Henriques em operar no Alemtejo. Estavam occupados pelos muçulmanos: Santarem e Abrantes (unicos sitios onde havia pontes sobre o Tejo); Coruche, Crato, Montemór-o-Novo, Evora, Evora-Monte, Almada, Alcaçer do Sal, Palmela, Viana, Monsaraz, Portel, Mourão, Moura, (fortissima praça), Beja, Serpa, etc. Tudo isto teria de passar para chegar a Ourique! Quem poderá admitir tal hipotese?

Tem havido quem tenha estranhado que os escritores arabes não se tenham referido à batalha d'Ourique; e daí teem concluido que foi apenas um recontro sem importancia.

Isto não é argumento plausivel.

Se os muçulmanos tivessem alcançado uma retumbante vitoria, por certo que se teriam referido a esta batalha. Era esse o costume, tanto dos escritores arabes, como dos cristãos.

Em 1179 Yusuf enviou ao Tejo uma poderosa armada, sob o comando de Ghamim Ibn Mohammed Ibn Mardanix. Os arredores de Lisboa foram saqueados, levando os muçulmanos ricos despojos. A esta expedição muito se referiram os escritores arabes, e contudo os cronistas portuguezes nem uma palavra dizem a tal respeito.

E teve lugar não só uma expedição maritima, mas ainda

os almohades atravessaram o Alentejo, passaram o Tejo na ponte romana de Abrantes, e vieram pôr cêrco a esta praça, que resistiu heroicamente, tendo Yucub, filho mais velho de Yusuf, de levantar o cêrco e retirar-se.

Tenho assim tocado algumas das importantes questões da nossa historia patria, que não teem sido tratadas convenientemente nos diversos livros que a nossa mocidade compulsa nas escolas.

Ainda não terminarei sem fazer algumas observações ao que escreveu o sr. Tito Benevenuto de Lima Sousa Larcher, de S. João de Souto, em artigos publicados no *Diario de Noticias* de setembro e outubro de 1925 sobre a localização da batalha d'Ourique, dizendo que esta teve lugar na freguesia das Córtes, nas margens da ribeira das Córtes, a pouco mais de uma legoa de Leiria.

Segundo a sua hipótese, «as forças de Esmar, ajudado êste pelas forças dos governadores de Evora, Beja e Elvas, marcharam sobre Leiria, encontrando D. Afonso Henriques na margem direita daquela ribeira, enquanto os muçulmanos se estendiam pela margem oposta. Então as tropas cristãs, que tinham estado emboscadas num ponto dominante, caíram de improviso sobre os muçulmanos!»

Neste caso foram os cristãos que tiveram de passar o rio para atacar o inimigo, estendido ao longo da outra margem. Diz ainda: «que houve confusão da parte dos muçulmanos *«tanto mais que suporiam que o castelo de Leiria estaria na sua «frente!»*

Que ignorantes que eram os mouros de Santarem que não sabiam onde ficava o castelo de Leiria!

Ora no Campo de Ourique das Córtes foram encontradas ossadas que deverão ser as daqueles partidarios do rei bolonhês (em numero de 200) que, vindos de Leiria, travaram luta contra as forças portuguesas e castelhanas que em 1248, tendo entrado pelas terras de Cima-Côa, vieram em defesa da causa de D. Sancho II, cuja corôa seu irmão Afonso, conde de Bolo-nha, lhe viera usurpar.

Tambem já antes de se retirar a Castela, Sancho II sofrera um desastre no recontro que tivera contra tropas de Leiria, que se tinham declarado pelo usurpador.

Se, pois, se não admite já que D. Afonso se tivesse internado no Alemtejo, tambem teremos de pôr de parte que fôsse Ismar que se afastasse de Santarem, sabendo que D. Afonso organizára fôrças importantes para ir sôbre esta praça.

Creio que, em vista das considerações e das provas que temos apresentado, não restam duvidas de que a batalha de Ourique se deu nos plainos das *Chãas a'Ourique*, no local que atraz descrevemos e nas circunstancias apontadas. Agora se lançarmos os olhos para uma carta topografica da região, ainda aí encontrarêmos, apoz tantos seculos, os nomes de alguns dos chefes que tomaram parte nesta batalha, e aos quais D. Afonso dera terras nas proximidades de Santarem, pouco depois de tomar aos mouros em 1147 Santarem e Lisboa. Encontraremos ainda: as terras dos Sousas (dadas a Gonçalo de Sousa), dos Paivas, dos Viegas, do Vale das Esporas, das Sancheiras, o notavel planalto do Braçal, outrora tão povoado por causa da sua salubridade e abundancia de agua. Todos estes e outros nomes que se obliteráram com o decorrer dos tempos, são outras tantas provas de que a batalha de Ourique teve lugar nas «*Chãas de Ourique*».



Erratas

Página	Linha	Erros	Emendas
6	15	Vocabulário	vocabulo
8	35	foi pacifico	foi mais pacifico
9	9	Campostela	Compostela
11	1	a	o
11	9 (Margem)	1060	1060-1091
12	4	1057 tomou Cêa	1056 tomou Cêa
42	17	De 1059 a 1068	De 1059 a 1060
15	8	Saragoça	Toledo
16	4	40.0000	40.000
16	4	exerito	exercito
16	10	fai	foi
23	32	(depois de D. Tereza, acrescente-se)	segundo alguns escritores
25	33	Yusef	Yusuf
30	1	D. Bermudo	D. Bermudo ou D. Bernardo
34	5	pispo	bispo
38	30	Cartro	Castra
40	20	o o	o Ω
41	00	com	com 100
47	20	çaça	çaca
47	20	maïmena	moïmena
51	12	deveras	diversa
51	28	do que a	do que na
59	27	Arvundel	Arrudel
60	18	sundando	sudando

Aumentos

- 37 17 Acrescente-se a seguinte *Nota* (3) : O *Rabaçal* fica a 6 qm. a O. de Penela, e não na foz do Zezere, como alguém afirmou.
- 40 35 Acrescente-se á *Nota* (1) : Nos terrenos das «*Chãas de Ouric*» (*Oric*) foi dada uma porção em aforamento, para a construção dos *Casaes d'Oric*, por D. Manoel Pedro Telles de Menêzes, tio e tutor de D. Rodrigo Xavier Telles, 6.º conde Unhão, filho do conde D. João Xavier e da 4.ª marquêsa de Niza, e que veiu a ser tambem marquês de Niza e conde da Vidigueira. Apesar dos *Casaes* deverem ser chamados «*Casaes de Manoel Pedro*», contudo não se conseguiu obliterar o nome antigo de *Oric*, e por isso só foram conhecidos por *Casaes de Oric*, e ainda do «*Ouro*». A carta de aforamento existe na casa de Unhão, como vem indicado na interessante monografia «*Os Chavões*», escrita pelo distinto historiografo Luiz Teixeira de Sanpaio, e que foi publicada na «*Revista de Historia*».



RÓ
MU
LO



CENTRO CIÊNCIA VIVA
UNIVERSIDADE COIMBRA

1329726110

